

REDES TENEBRASAS

Iluminando
Organizações
Criminosas
Sombrias

PLUS

Uma Conversa Com o Director-Executivo
da AFRIPOL, Dr. Tarek Sharif

VISITE-NOS ONLINE: ADF-MAGAZINE.COM



reportagens

8 Um Mundo do Crime

África junta-se aos esforços globais da luta contra instituições do crime organizado.

14 Unindo Esforços para Policiar um Continente

Director da AFRIPOL afirma que lutar contra as redes do crime exigirá cooperação em África e fora dela.

18 País Insular Lida com Cibersegurança

As Maurícias emergem como um líder global na inovação da segurança informática.

24 Além do Cumprimento das Obrigações

As mulheres das Forças de Defesa do Lesoto cuidam das suas comunidades.

30 Momento Marítimo

A cooperação regional para rastrear e libertar uma embarcação roubada demonstra o progresso da África Ocidental na segurança marítima.

34 A Franquia do Crime

Caçadores furtivos de rinocerontes desenvolveram sofisticados sindicatos do crime. Alguns os chamam de McMafias.

40 Procura Chinesa Fomenta o Comércio Ilegal de Pau-rosa

Florestas de valor incalculável estão a ser dizimadas no Senegal.

46 Um Elevado Preço a Pagar

A crise da COVID-19 expôs o verdadeiro custo da dívida da África para com a China.

52 Investindo na Inovação

Com a planificação estratégica, África está posicionada para despoletar o seu potencial científico.



62

colunas

- 4 Pontos de Vista
- 5 Perspectiva Africana
- 6 África Hoje
- 28 Batimento Cardíaco Africano
- 56 Cultura e Desporto
- 58 Perspectiva Internacional
- 60 Defesa e Segurança
- 62 Caminhos da Esperança
- 64 Crescimento e Progresso
- 66 Retrospectiva
- 67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online.**

Por favor, visite-nos em:
adf-magazine.com



NA CAPA:

Esta ilustração representa os grupos sombrios que fazem o tráfico de drogas, armas, órgãos humanos e valiosos recursos naturais.

EQUIPA DA ADF

Quando a COVID-19 assolou o mundo em 2020, os profissionais de segurança foram chamados para realizar novas tarefas. Eles fizeram cumprir as quarentenas, fizeram patrulhas nas ruas, guarneceram hospitais e transportaram equipamento médico que salva vidas.

Enquanto a maior parte das pessoas em todo o mundo entrava em confinamento obrigatório, os soldados intensificavam a sua actuação.

E embora a pandemia tenha despertado um sentido de propósito partilhado e a disponibilidade de sacrificar-se, alguns tentaram tirar vantagens disso.

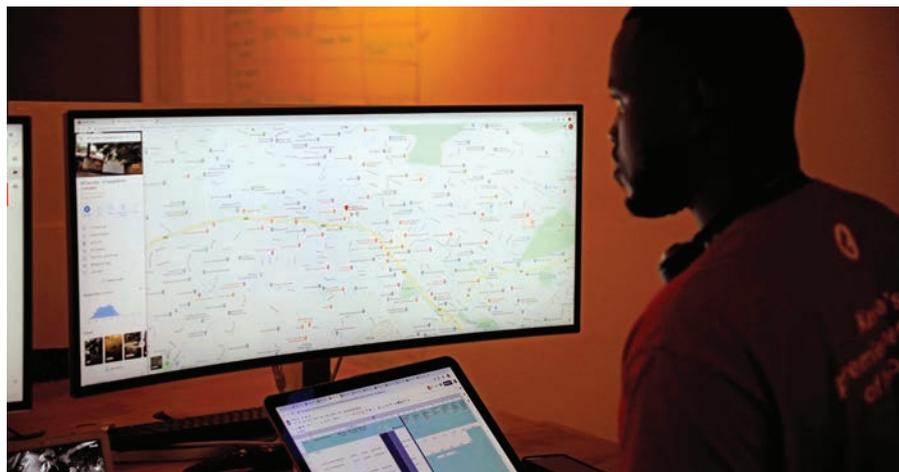
Traficantes, piratas, caçadores furtivos e outros criminosos viram uma oportunidade para operar de forma mais livre enquanto a atenção do mundo estava num outro lado. Em alguns dos casos mais condenáveis, os traficantes tentaram ter lucros através do fabrico de medicamentos falsificados ou equipamento de protecção inseguro. Em outros casos, criminosos da internet promoviam esquemas com o objectivo de aliciar os receosos.

Assim como com outros desafios de segurança, a COVID-19 trouxe para fora o melhor da humanidade, e também o pior.

Enquanto a vida vai, lentamente, mas de forma firme, ajustando-se a um novo normal, os profissionais de segurança em África continuam a reafirmar o seu compromisso de dismantelar as redes de criminosos que operam nas sombras. A tecnologia é um multiplicador de forças nesta missão. No Golfo da Guiné, profissionais que trabalham com conscientização do domínio marítimo estão a utilizar as ferramentas de vigilância para rastrear a pesca ilegal e a pirataria. Nas Maurícias e em muitos outros países africanos, especialistas de cibersegurança estão a criar estruturas digitais para conferir maior segurança à internet. Na Nigéria e no Quênia, iniciativas digitais estão a ajudar as autoridades a rastrear medicamentos e a identificar os falsos.

A COVID-19 obrigou o mundo a mudar através da prática do distanciamento social e a trabalhar de forma remota. Também levou a inovações e adaptações por aqueles que nos mantêm seguros. Colocando ferramentas de ponta nas mãos de profissionais determinados e capazes, as forças de segurança de África podem estar um passo à frente em relação às redes criminosas.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos



Um expedidor dos serviços gratuitos de ambulância da Rescue.co faz a monitoria de um mapa online durante o recolher obrigatório da COVID-19 em Nairobi, Quênia. REUTERS



Redes Tenebrosas

Volume 13, 4º Trimestre

COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

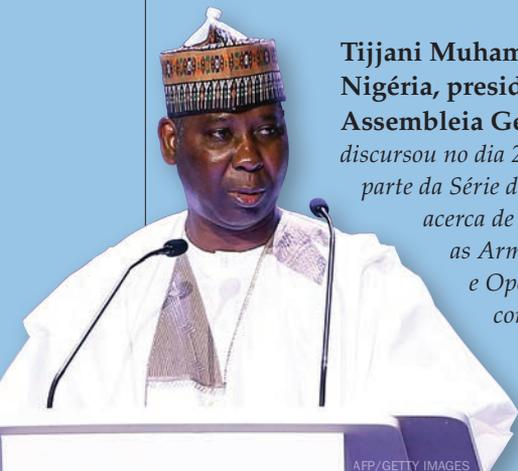
ADF.Editor@ADF-Magazine.com

**HEADQUARTERS
U.S. AFRICA COMMAND**

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme for necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

Garantindo a Segurança e a Prosperidade Durante uma Pandemia



Tijjani Muhammad Bande, da Nigéria, presidente da 74ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, discursou no dia 20 de Maio de 2020, como parte da Série de Diálogos sobre África acerca de “COVID-19 e Silenciar as Armas em África: Desafios e Oportunidades.” Os seus comentários foram editados para se adequarem a este formato.

AFP/GETTY IMAGES



A COVID-19 trouxe uma perturbação nunca antes vista desde a criação das Nações Unidas.

Expresso o meu profundo sentimento de pesar para aqueles que perderam os seus familiares por causa da COVID-19 e desejo uma recuperação rápida e completa para aqueles que estão a lutar com o vírus.

Os desafios que esta doença representa são multidimensionais e apenas podem ser enfrentados de forma eficaz através da promoção de acções multilaterais, para garantir, de forma colectiva, a mitigação dos seus impactos a nível da saúde e da economia. Isso pode acontecer com parcerias activas.

Uma resposta firme e coordenada é importante para assegurar que, entre outros, a pandemia não afecte negativamente os nossos planos para silenciar as armas em África.

É, contudo, importante que, na nossa resposta rápida para a pandemia e nos nossos planos a longo prazo, possamos abordar os nexos desenvolvimento-paz e defender os direitos humanos. Enquanto enfrentamos dificuldades socioeconómicas devido à COVID-19, devemos continuar a prestar atenção às necessidades dos mais vulneráveis, porque eles, muitas

vezes, enfrentam maiores dificuldades durante os tempos difíceis. Enquanto muitas famílias perdem o seu rendimento durante estas dificuldades, os governos em todo o mundo devem continuar a priorizar o bem-estar socioeconómico e mental dos seus cidadãos, uma vez que estes são fundamentais para o silenciamento das armas em qualquer lugar, especialmente em África.

Não podemos permitir que o desemprego e a exclusão ponham em causa os nossos esforços de paz. Devemos também reverter o aprofundamento das desigualdades que afectam todos os grupos minoritários, colocando sobre eles uma pressão enorme e empurrando-os ainda mais para a pobreza e a fome.

Devemos também priorizar os programas de assistência alimentar e assistência aos agricultores e produtores de alimentos para garantir a segurança alimentar para as pessoas a quem servimos. Uma vez que milhares de crianças dependem de programas de distribuição de alimentos nas escolas, há uma necessidade de garantir que não permitamos que esta pandemia corte os fornecimentos de produtos alimentares.

Devemos também garantir a continuidade do ensino para os alunos em África e priorizar a integração de tecnologias de informação e comunicação no ensino

Um funcionário desinfecta as mãos dos alunos, à medida que as escolas começam a reabrir depois do confinamento obrigatório da COVID-19, em Joanesburgo, África do Sul, em Junho de 2020. REUTERS

quando estivermos a lidar com as necessidades de infra-estruturas. As pessoas com menos de 25 anos de idade representam o maior grupo demográfico na maioria dos países em desenvolvimento e estão mais vulneráveis à radicalização. Então, devemos tomar medidas urgentes para garantir que a pandemia não abra uma porta para o aumento do recrutamento de extremistas.

Os desafios da dívida existente aliados aos choques económicos e financeiros causados pela COVID-19 põem em causa a sustentabilidade da dívida pública externa de muitos países. Tendo em conta estes pontos, prevenir uma série de incumprimentos e crises generalizadas é de extrema importância. É com base nisso que o congelamento e/ou cancelamento de dívidas e outras medidas são colocadas em vigor para lidar com a crise da COVID-19.

Seremos definidos pelas nossas acções, e eu faço um apelo a todos para que possamos agir agora de modo a criarmos um futuro melhor e um mundo melhor para todos.



NOLLYWOOD DA NIGÉRIA LIDA DE FORMA CRIATIVA CONTRA A CRISE DO VÍRUS

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Quando a COVID-19 encerrava empresas pelo mundo inteiro e obrigava bilhões de pessoas a ficarem em casa, o realizador nigeriano, Obi Emelonye, arranhou uma forma inovadora de continuar a filmar.

Inspirado pelas videoconferências da sua esposa a partir do seu isolamento, na Inglaterra, ele escreveu e organizou uma curta-metragem sobre um casal separado entre Londres e Lagos.

Apenas houve um dia para os ensaios e dois dias para as filmagens. Os actores gravaram cenas nos telemóveis em suas casas, em dois continentes diferentes.

“Quería mostrar aos jovens que apesar das inúmeras dificuldades da nossa profissão, apesar do coronavírus, é possível fazer um filme sem financiamento, sem nem sequer ter uma máquina de filmar como tal,” disse o realizador.

Face a pandemia, a segunda indústria de produção de filmes mais prolífica do planeta precisa do seu espírito criativo mais do que nunca.

Moses Babatope acompanhou quando a ordem do governo para encerrar as actividades causou a perda de rendimentos da primavera de 2020 na Filmhouse, uma cadeia cinematográfica que ele co-fundou em 2012. Estimou que as perdas para o sector alcançaram mais de 9 milhões de dólares, nessa altura.

Dezenas de filmagens foram interrompidas ou canceladas, e os trabalhadores estão a ficar sem pagamento.

A Netflix suspendeu a filmagem do seu primeiro seriado original feito na Nigéria, e o gigante da comunicação social, Vivendi, adiou a inauguração da sua primeira sala de cinema na capital, Abuja.

Os distribuidores estimam que 50.000 empregos estão sob ameaça. “Vai passar algum tempo antes de realmente



Produtores de filmes procuram formas criativas de manter viva a Nollywood na era da COVID-19. AFP/GETTY IMAGES

começarmos de novo,” lamentou Babatope.

Para contornar os problemas, a indústria começou a ampliar os seus limites. O produtor Charles Okpaleke fez parceria com cadeias de cinema locais, Genesis e Silverbird, para lançar as instalações drive-in, a céu aberto.

Uma primeira exibição em Abuja, em finais de Maio de 2020, esgotou poucas horas depois quando os espectadores vieram, em massa, para assistir ao seu filme, *Viver no Cativo* (*Living in Bondage*), a partir do conforto dos seus carros.

Os produtores e os realizadores também estão a tentar fazer o lançamento dos seus filmes em serviços de streaming, como Netflix e o seu concorrente local, Iroko TV.



Mandioca Recebe um Novo Uso na Zâmbia: Desinfectante para as Mãos

THOMSON REUTERS FOUNDATION

Para lidar com as condições mais secas, a agricultora zambiana, Pamela Nyirenda, em 2019, passou a fazer o plantio de mandioca resistente à seca, entre outras novas culturas que absorvem água como amendoim e feijão-nhamba.

Mas em 2020 a sua machamba de mandioca não trouxe apenas uma colheita garantida mas também ganhos financeiros, quando compradores adquiriam rapidamente os tubérculos para produzir etanol para um desinfectante das mãos à base de álcool.

À medida que a pandemia da COVID-19 atinge a África, a farinha de mandioca na Zâmbia está a ser vendida por até 5.000 kwachas (270 dólares) por tonelada, um aumento acentuado quando se compara com o mesmo período em 2019, de acordo com a União Nacional de Agricultores da Zâmbia.

“Este é o meu segundo ano a cultivá-la, e consegui ter 10 toneladas de mandioca,” disse. Ela espera ganhar quase duas vezes mais com a sua mandioca em 2020, assim como fez em 2019.

Musika, uma instituição agrícola zambiana sem fins lucrativos, apercebeu-se que mais 25.000 agricultores na Zâmbia – muitos deles do sexo feminino – agora estavam a cultivar uma variedade de mandioca que é tolerante à seca, comparado ao número de 5.000, de há cinco anos.

Pamela Hamasaka, directora de assuntos corporativos da Musika, afirmou que a procura de etanol proveniente da mandioca teve um aumento acentuado na Zâmbia, visto que as empresas correm para produzir mais desinfectante para as mãos de modo a controlar a propagação da pandemia mortal da COVID-19.

Em Maio de 2020, 250 toneladas de farinha de mandioca por dia estavam a ser transformadas em etanol para a produção de desinfectante e outros produtos vendidos a nível local ou exportado para os países vizinhos, disse.

Mas especialistas temem que a transformação de culturas alimentares como a mandioca em etanol pode prejudicar a segurança alimentar da região, visto que a paralisação da economia global devido à COVID-19 levou a mais proibições da exportação.

O Ministério da Agricultura da Zâmbia prevê que o país irá produzir pouco mais de um milhão de toneladas de farinha de mandioca em 2020.

Estudantes Senegaleses de Engenharia Lutam Contra o Vírus com Invenções

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Estudantes senegaleses de engenharia estão a dedicar-se para resolver o problema da COVID-19 com invenções como dispensadores automáticos de desinfectante para as mãos e robots médicos.

Jovens inovadores de uma escola de engenharia de topo da capital, Dakar, estão a direccionar o uso das suas habilidades técnicas para diminuir a pressão sobre as enfermarias e já estão em conversações com hospitais quanto a alguns dos seus novos produtos.

Um exemplo disso é um pequeno robot, ao qual se atribuiu a alcunha de “Dr. Carro,” que mede a pressão arterial e a temperatura dos pacientes, de acordo com os estudantes da Ecole Supérieure Polytechnique (Instituto Superior Politécnico) de Dakar.

A universidade é uma das melhores da África Ocidental na área de engenharia e tecnologia e é altamente selectiva, com 28 nacionalidades representadas entre os seus 4.000 estudantes.

Lamine Mouhamed Kebe, um dos estudantes que participou na concepção do robot, disse que a máquina pode reduzir a exposição dos médicos e enfermeiros aos pacientes infectados, assim como o uso do dispendioso equipamento de protecção.

Guiado por uma câmara montada e controlado por um aplicativo, os médicos também serão capazes de comunicar com os pacientes através do robot, disse Kebe, permitindo potencialmente que tratem de pessoas que estão em zonas rurais isoladas.

Os médicos senegaleses da linha da frente estão a levar os jovens engenheiros a sério. Um protótipo inicial concebido pelos estudantes foi, na essência, um carrinho móvel destinado a transportar equipamento ou refeições para os pacientes.

Mas Abdoulaye Bousso, director de enfermaria de um hospital de Dakar, pediu que o redesenhassem para incluir braços mecânicos capazes de realizar testes médicos – uma actualização na qual os alunos estão a trabalhar agora.

“É um processo inteiro,” disse Bousso, acrescentando que o robot poderia reduzir os custos de babetes e batas, que devem ser descartados.

Outros alunos criaram dispositivos mais simples que também esperam que irão lutar contra a doença no Senegal.

Gianna Andjembe, um estudante de mestrado em Engenharia Electrónica, concebeu um dispensador automático de gel desinfectante para as mãos, que afirmou que poderia reduzir a necessidade de pessoal nas escolas e hospitais para supervisionarem a lavagem das mãos.

“Como cientistas, como engenheiros, temos de ir ao encontro dos desafios e realmente tomarmos as rédeas do nosso próprio destino,” acrescentou Andjembe.



Estudantes da Ecole Supérieure de Polytechnique, de Dakar, trabalham com um pequeno robot no laboratório da escola.

AFP/GETTY IMAGES

Um Mundo do **CRIME**

**África Junta-se aos Esforços Globais da Luta
Contra Instituições do Crime Organizado**

ILUSTRAÇÃO DA ADF

A versão dos filmes do crime organizado apresenta, tipicamente, cartéis de droga da América Latina com armamento pesado ou grupos de máfia italiana que gerem esquemas de extorsão.

O verdadeiro crime organizado é mais sofisticado, diversificado ou abrangente do que qualquer filme famoso ou estereótipo cultural. Os criminosos operam de diversas formas, grandes e pequenas, com diversos interesses numa variedade de arenas.

Este também é o caso de África, e o continente tem

ganhado cada vez mais a atenção da comunidade internacional no que concerne a uma totalidade de crimes apreciados pelas redes criminosas organizadas. Desde a caça furtiva ao tráfico de seres humanos, contrabando de drogas aos crimes marítimos, a África apresenta uma série de instituições do crime organizado.

A África também oferece uma lição na variedade e tipos sofisticados de crime organizado, com quatro principais categorias evidentes no continente.

Os Quarto Tipos de Crime Organizado

Um artigo de Mark Shaw, director da Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional, publicado pelo Instituto de Estudos de Segurança (IES), apresenta os quatro principais tipos de crime organizado em África. Existem algumas sobreposições entre eles.

O primeiro tipo é uma **organização ao estilo da máfia**, presente onde tais actividades criminosas já estão bem estabelecidas e definidas pela violência. A Cidade do Cabo, na África do Sul, é um exemplo.

“As gangues da cidade e as redes de crime — incluindo ligações corruptas no seio da polícia — permitem estabelecer paralelos com a máfia italiana,” escreve Shaw. “Os criminosos das gangues ou de estilo da máfia, na Cidade do Cabo, matam, extorquem, traficam substâncias ilícitas e têm ligações com o Estado.”

Este primeiro tipo pode parecer de, alguma forma, diferente num outro lugar. Na Nigéria, por exemplo, os grupos de criminosos operam ao estilo da máfia, com mais alcance global, mas menos controlo do território doméstico. Os criminosos nigerianos têm influência na Itália, especialmente se estiverem relacionados com o tráfico de seres humanos.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) comunicou que aproximadamente 80% de raparigas que chegam à Itália, provenientes da Nigéria, são potencialmente traficadas para exploração sexual, como a prostituição. Dados da OIM, de 2011 a 2016, apresentam um aumento de mulheres e raparigas não acompanhadas oriundas da Nigéria que entram na Itália numa escala quase que industrial.

O tráfico, às vezes, é o trabalho das gangues criminosas, muitas vezes, designadas de confraternidades, tais como a Confraternity of the Supreme Eye — também conhecida como os Airlords — e the Black Axe, de acordo com um relatório da InfoMigrants.

A segunda classificação envolve **redes que “ligam pessoas de fora e pessoas de dentro do continente”** para movimentar materiais ilícitos, de acordo com o artigo de Shaw. Estas redes tendem a parecer-se menos com

interesses criminosos organizados típicos e podem incluir traficantes de drogas da África Oriental e Ocidental.

Shaw cita a Guiné-Bissau como um exemplo. Há muito apelidada de um narcoestado pela comunidade internacional por causa do alto fluxo de drogas que passa pelo país e o alto nível de oficiais envolvidos nesse comércio, a realidade pode ser diferente. “Um exame mais aprofundado mostra que se assemelha mais com um conjunto de redes criminosas interligadas que protegem um comércio de trânsito,” escreve.

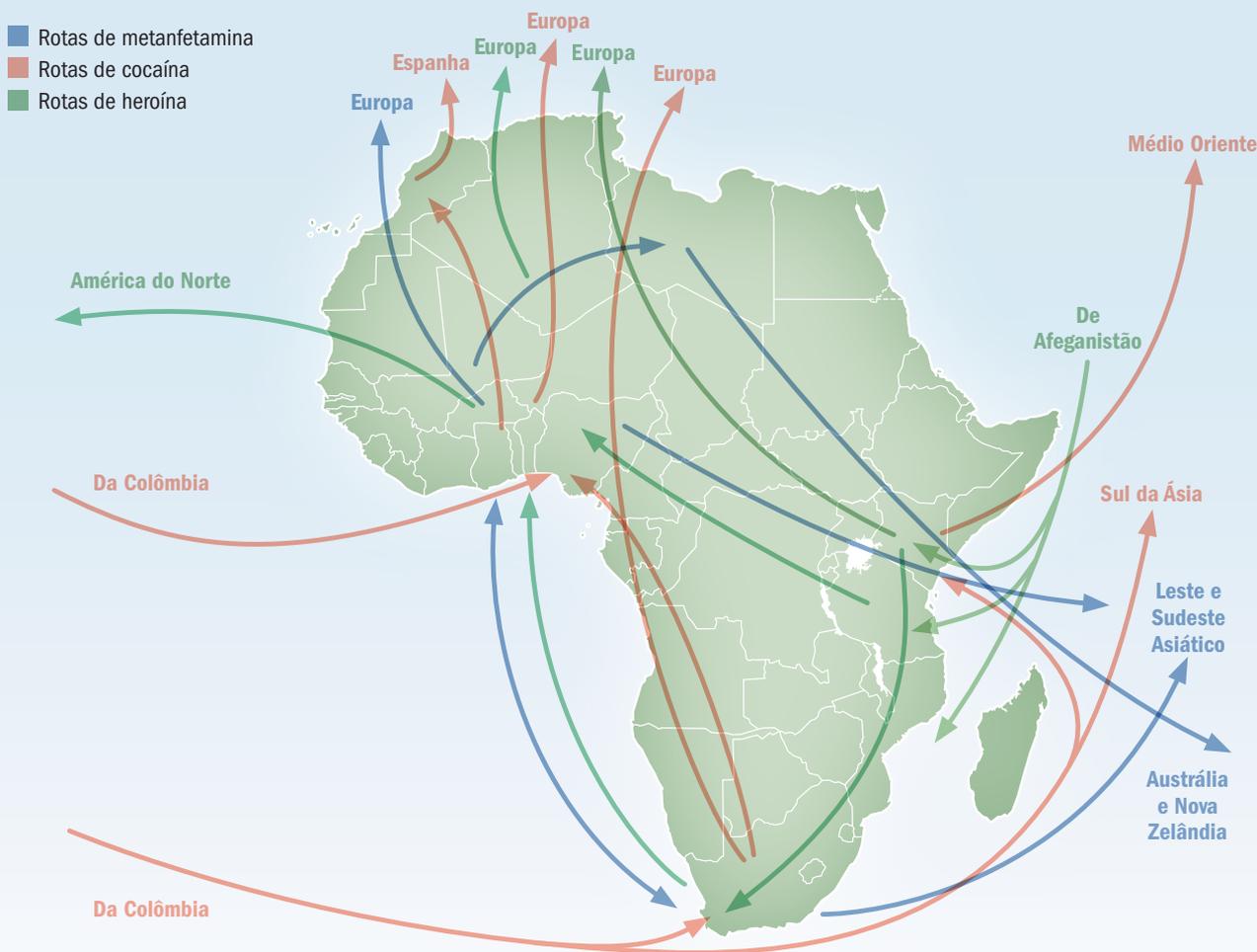
O comércio de drogas da África Oriental prioriza mais a heroína do que a cocaína, mas condições semelhantes também existem. O ópio, tipicamente trazido do Afeganistão, desce pela costa leste de África em pequenos barcos a motor, designados por dhows, cada um com a capacidade de esconder entre 100 e 1.000 quilogramas de drogas. Esta jornada constitui a “rota sul” descrita no “A costa da heroína: uma economia política ao longo do mar da África Oriental,” escrito por Simone Haysom, Peter Gastrow e Shaw, para o programa da União Europeia, Melhorar a Resposta de África ao Crime Organizado Transnacional (ENACT).

Os dhows são capazes de evitar a detecção pelos satélites e a detecção pelos barcos de patrulha, e eles param ao largo da costa para que pequenas embarcações possam vir descarregar as drogas e levá-las de volta para pequenas ilhas, praias e portos. Este processo repete-se ao longo da costa desde Somália até Moçambique, de acordo com o artigo do ENACT. Depois, as drogas prosseguem por terra e para outros mercados.

A heroína que transita por esta rota, muitas vezes, tem como destino a Europa e países insulares, mas o artigo do ENACT explora o efeito da rota sobre os países africanos de trânsito. É aqui onde podem ser vistas as ligações entre pessoas de dentro e de fora.

O ópio é movimentado do Afeganistão para o Paquistão, onde se diz que as redes de drogas africanas têm ligações. A partir dali, as drogas prosseguem para países como Somália, Quênia, Tanzânia e Moçambique.

As Principais Rotas de Droga da África



Fonte: ENACT, conforme adaptado pelo Gabinete dos Estados Unidos Contra as Drogas e o Crime "World Drug Report 2018"

O Porto de Mombasa, o maior da África Oriental, é utilizado por vários traficantes de droga quenianos, de acordo com o documento do ENACT.

O documento do IES, de Shaw, alista o terceiro tipo das principais instituições do crime organizado como sendo um cruzamento entre aquilo que ele chama de **"organizações políticas soltas," tais como milícias e outros grupos armados e traficantes.**

Os Estados podem ser uma influência nesta categoria, quer directa ou indirectamente, ajudando ou impedindo grupos através da protecção política. Shaw escreve sobre três exemplos de lugares onde este tipo de crime prospera: a Líbia, que viveu anos de anarquia desde a queda de Muammar Gadhafi; o Sahel, que foi devastado por anos de violência extremista; e a África Oriental, que viu a violência extremista a evoluir em metástase para fora, a partir de Somália.

"A Terceira categoria está directamente ligada a Estados fracos em zonas de conflito em diferentes partes de África," escreve Shaw. "Na maior parte, não pode existir sem a instabilidade que ocorre em tais condições. Os seus praticantes são, muitas vezes, proto-Estados fracos com alguma forma de controlo geográfico, mas

este é limitado e continuamente desafiado, em particular, quando grupos criminosos oferecem formas alternativas de governação."

O Sahel e a região circunvizinha são um excelente exemplo deste tipo. A instabilidade, que começou em 2012 com a rebelião dos Tuaregues no norte do Mali, cresceu para englobar maior parte da região, e armas e militantes provenientes da Líbia vieram em massa depois da queda de Gadhafi. Fronteiras porosas e espaços não governados exacerbaram o problema numa região historicamente ligada a uma variedade de crimes de tráfico, incluindo drogas, cigarros e seres humanos.

Um documento de 2019, da Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional, com o título "Depois da Tempestade: Crime organizado ao longo do Sahel-Sahara depois da agitação na Líbia e no Mali" indica que o crime nesta região mudou devido a um influxo de respostas de segurança, nestes últimos anos. A instabilidade nas fronteiras do Mali, Níger e Líbia, na verdade, atrapalhou o tráfico de drogas, diz o relatório, e as armas que fluem de uma Líbia que entrava em colapso reduziram com o passar dos anos, com a oferta a ter dificuldades de satisfazer a crescente procura.

Incidentes por Tipo de Droga na África Oriental

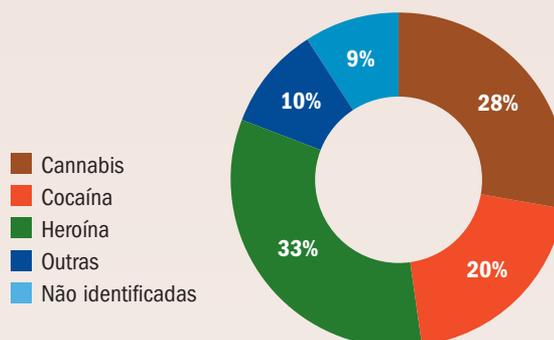
(QUÊNIA, TANZÂNIA E UGANDA), 2008-2017

Os portos mais movimentados da África Oriental, em particular os de Mombasa, no Quênia, e Zanzibar e Dar es Salaam, na Tanzânia, são pontos de entrada para heroína proveniente da Ásia. Corrupção, volumes de mercadoria e traficantes bem conhecidos mantêm as drogas e o contrabando a fluir para dentro e fora da região, de acordo com o ENACT.

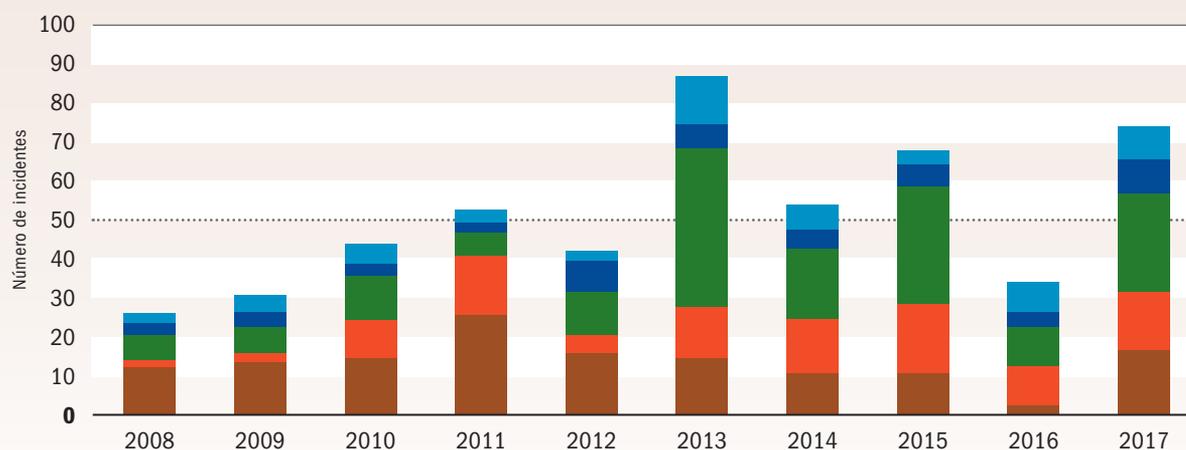
► 513 Casos de Actividades Ligadas a Drogas Publicadas nos Meios de Comunicação Social

As actividades estão distribuídas numa ou mais das seguintes categorias:

- Conspiração e planificação
- Colecta
- Posse
- Transporte/contrabando
- Mistura e processamento
- Retalho



► Os 513 Incidentes Ligados a Drogas por Tipo de Droga



Fonte: Base de Dados de Monitoria do Crime Organizado Transnacional do ENACT 2018

O tráfico e o contrabando de seres humanos explodiu nos últimos 10 anos, mas desde então reduziu ou foi obrigado a seguir meios subterrâneos pelas parcerias entre Estados europeus e Estados do Sahel-Sahara, demonstra o relatório. Entretanto, o tráfico de medicamentos falsificados — especialmente o analgésico Tramadol — está a aumentar, assim como estão a aumentar os mercenários, esquemas de protecção e outros tipos de banditismo.

“Traficantes de alto nível convertem lucros em capital político para obter protecção do Estado ou ganhar legitimidade social entre as populações locais ou ambas,” afirma o relatório. Continua a afirmar que a “falta de oportunidades económicas, a generalização da corrupção, instabilidade e insegurança, fraca capacidade de aplicação da lei e a integração regional da África Ocidental e o Magrebe na economia global aliam-se para tornar o Sahel um campo fértil para economias criminosas.”

O quarto e último tipo de crime organizado prevalente em África é o **crime cibernético**, escreve Shaw. Tem a tendência de aumentar à medida que a tecnologia e o acesso à internet crescem no continente. De acordo com o “Relatório de Ameaças de Segurança da Internet de 2019” da Symantec, um em cada 131 e-mails na África do Sul,

no ano anterior, era malicioso, a taxa mais alta do mundo. No mesmo período, um em cada 1.318 e-mails, na África do Sul, fazia parte de um ataque fraudulento para o roubo de identidade, phishing scam, a quinta taxa mais elevada do mundo.

Karen Allen, conselheira de pesquisas sénior do IES, em Pretória, África do Sul, escreveu que os países africanos devem estar preparados para crimes cibernéticos dependentes e crimes cibernéticos possibilitados. O primeiro utiliza a tecnologia informática para criar novos crimes. O segundo usa as novas tecnologias para cometer crimes mais tradicionais tais como a lavagem de dinheiro.

Em Janeiro de 2018, alguns dentro da União Africana acusaram o governo chinês de invadir os computadores, em Adis Abeba, na Etiópia, na sede, e baixar informação confidencial, reportou o Financial Times. Esta operação de invasão, que a China não admitiu, alegadamente ocorreu no período nocturno, entre Janeiro de 2012 e Janeiro de 2017, desde a meia-noite até 2 horas da madrugada. A China financiou a sede da UA e construiu uma das suas empresas estatais.

Fica claro que os crimes cibernéticos serão uma preocupação africana por muitos e muitos anos.

CRIMES LIGADOS À FAUNA BRAVIA

África possui algumas das espécies da vida selvagem mais majestosas e icônicas do mundo. Mas embora estes tesouros atraíam milhares de

turistas através dos safaris, eles também atraem intenções criminosas de ganhar lucro a partir de partes de animais.

Pangolins

Os Pangolins são o animal mais traficada na terra por causa das suas escamas, que são utilizadas na medicina tradicional chinesa. As capturas e as quantidades capturadas aumentaram acentuadamente nos últimos anos. A maior parte é traficada a partir de África e Ásia.



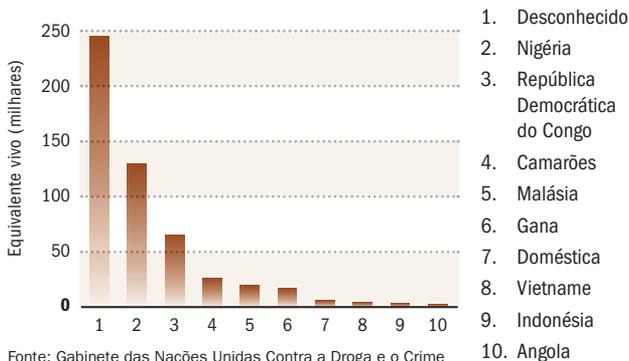
Equivalente de Peso de Pangolins e Número de Capturas de Pangolim



*Nota: A quantidade capturada é medida em milhares de equivalentes inteiros, o que consiste de animais vivos, animais mortos, carne e escamas.

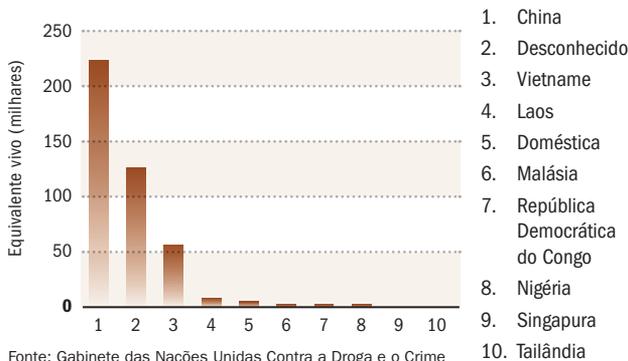
Fonte: Base de Dados da World WISE do Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

Quantidades por País de Origem



Fonte: Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

Quantidades por País de Destino



Fonte: Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

Captura Notável de Pangolim em 2019

Data	Volume de Escamas de Pangolim Capturadas (toneladas)	Origem	País de Captura	Destino
Janeiro	1,4 (com 100 kg de marfim)	Nigéria	Vietname	—
Janeiro	8,3 (com 2,1 toneladas de marfim)	Nigéria	China (RAE de Hong Kong)	Vietname
Março	8,3	Nigéria	Vietname	—
Abril	12,9 (com 175 kg de marfim)	Nigéria	Singapura	Vietname
Abril	12,8	Nigéria	Singapura	Vietname
Abril	4 (com 3,4 toneladas de marfim)	República Democrática do Congo	Vietname	—
Mai	5,3	Nigéria	Vietname	—
Julho	11,9 (com 8,8 toneladas de marfim)	República Democrática do Congo	Singapura	Vietname
Julho	1,2	República Democrática do Congo	Turquia	—
Outubro	1,5	—	Nigéria	Malásia
Dezembro	1,7 (com 330 kg de marfim)	Nigéria	Vietname	—

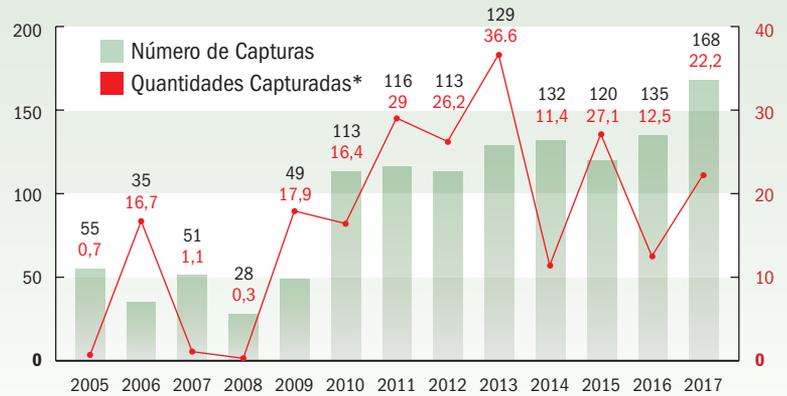
Fonte: Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens em Vias de Extinção

Elefantes

Os elefantes tiveram um declínio na caça furtiva nos últimos anos, mas o número de incidentes continua alto. O marfim dos seus dentes é utilizado para fazer uma variedade de ornamentos e objectos.

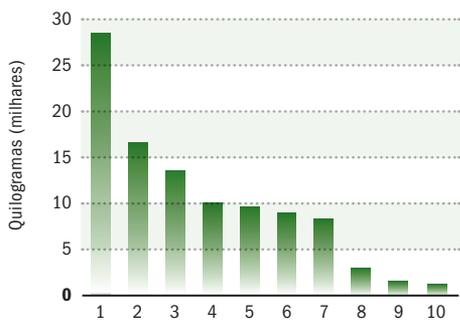


Equivalente de Peso de Dentes de Elefante e Número de Capturas



*Nota: A quantidade denota o peso de dentes inteiros em toneladas métricas.
Fonte: Base de Dados World WISE do Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

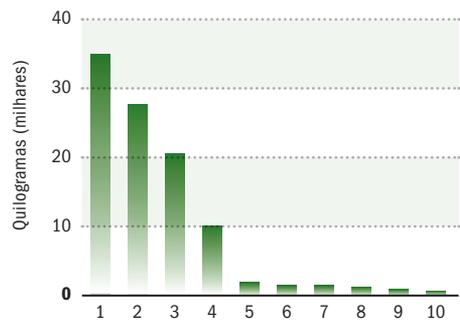
Quantidades por País de Origem



Fonte: Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

- Desconhecido
- Nigéria
- Moçambique
- República Democrática do Congo
- República do Congo
- Quênia
- Malásia
- África do Sul
- Camarões
- Sudão do Sul

Quantidades por País de Destino



Fonte: Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

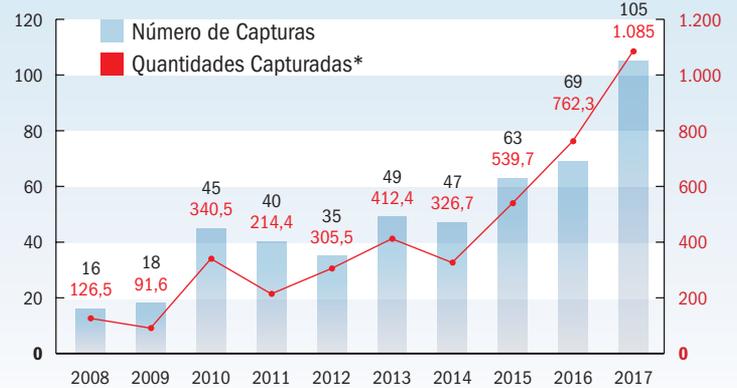
- Vietname
- China
- Desconhecido
- Camboja
- Nigéria
- Singapura
- Malásia
- Quênia
- Doméstica
- Zimbabue

Rinocerontes

O tráfico de rinocerontes também é muito intenso. Os seus chifres, assim como as escamas de pangolim, são usados na medicina tradicional chinesa. Os chifres e as escamas consistem de nada mais que queratina, uma substância encontrada nas unhas e no cabelo humanos. A queratina não possui qualquer valor medicinal ou curativo.

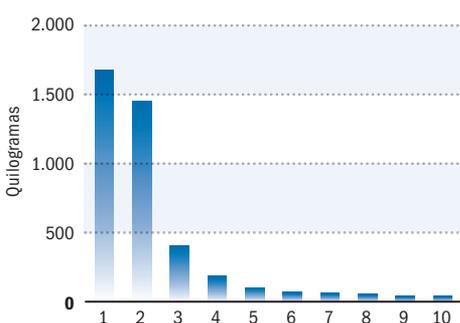


Equivalente de Peso de Chifres de Rinoceronte e Número de Capturas



*Nota: A quantidade refere-se ao peso do chifre de rinoceronte inteiro em quilogramas.
Fonte: Base de Dados da World WISE do Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

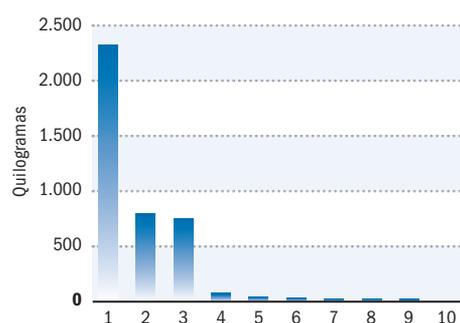
Quantidades por País de Origem



Fonte: Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

- Desconhecido
- África do Sul
- Moçambique
- Malawi
- Namíbia
- Quênia
- Etiópia
- Vietname
- Índia
- Zâmbia

Quantidades por País de Destino



Fonte: Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime

- Desconhecido
- Vietname
- China
- Malásia
- Tailândia
- Eswatini
- Turquia
- Camboja
- Laos
- Singapura



UNINDO ESFORÇOS PARA POLICIAR UM CONTINENTE

Director da AFRIPOL Afirma que Lutar Contra as Redes do Crime Exigirá Cooperação em África e Fora Dela

O Dr. Tarek A. Sharif foi nomeado director-executivo do Mecanismo da União Africana para a Cooperação Policial (AFRIPOL) em Maio de 2017. Antes disso, serviu como director da Repartição de Defesa e Segurança, no Departamento de Paz e Segurança da Comissão da União Africana em Adis Abeba, Etiópia, de 2010 a 2017. Também serviu como oficial de políticas sénior nos escritórios da União Africana em Lilongwe, Malawi, de 2006 a 2009. Antes de se juntar à União Africana, Sharif foi professor na Universidade Americana em Madrid, de 2004 a 2006. Ele também foi director da Repartição de Cooperação Internacional do Conselho Islâmico do Crescente Internacional, uma das agências especializadas da Organização da Conferência Islâmica, de 1999 a 2003. Sharif obteve o seu doutoramento em relações internacionais pela Universidade de Reading, Reino Unido. Ele é líbio e respondeu às perguntas da *ADF* por email. A entrevista foi editada para se adequar a este formato.



UNIÃO AFRICANA/TWITTER

crime organizado transnacional e o terrorismo através da partilha de informação, inteligência e dados sobre criminosos, seus grupos e suas actividades.

ADF: De que forma a AFRIPOL está ligada à organização policial internacional, Interpol?

DR. SHARIF: A Interpol é um parceiro importante, e a assinatura de um acordo de cooperação entre a Interpol e a União Africana em relação à AFRIPOL, em Janeiro de 2019, é uma ilustração clara desta parceria.

Em Abril de 2020, as duas organizações também fizeram o lançamento de um programa conjunto de três anos. O programa permitirá que as duas instituições trabalhem juntas para fortalecer as capacidades das agências policiais dos Estados-membros da UA na luta contra o crime no continente africano. Irá também ajudar a melhorar as capacidades técnica e analítica da AFRIPOL a níveis institucional e operacional.

ADF: O que é AFRIPOL e quando foi formada?

DR. SHARIF: Os Chefes de Estado e de Governo da União Africana (UA), na 28ª Sessão Ordinária, que teve lugar em Adis Abeba, na Etiópia, em Janeiro de 2017, adoptaram o estatuto do Mecanismo da União Africana para a Cooperação Policial (AFRIPOL). Isto representou o lançamento efectivo da AFRIPOL como uma instituição técnica especializada da UA para a cooperação da polícia. Em Maio de 2017, a AFRIPOL teve a sua primeira Assembleia Geral e adoptou o seu primeiro plano de trabalho.

A sede da AFRIPOL está localizada em Argel, capital da Argélia, e a instituição foi estabelecida para fortalecer a cooperação entre as agências de aplicação da lei e com organizações policiais internacionais para combater o

ADF: Existiu algum evento em particular ou instituição criminal, em África, que demonstrou claramente que uma organização tal como a AFRIPOL seria necessária para lidar de forma eficaz com o crime no continente? Se sim, qual foi?

DR. SHARIF: O continente africano enfrenta desafios complexos de segurança que tem implicações profundas para a sua paz, segurança e estabilidade por causa da natureza transnacional, com grupos criminosos envolvendo-se em vários crimes tais como tráfico de drogas, armas, seres humanos, produtos provenientes da fauna bravia e espécies protegidas; lavagem de dinheiro e outros crimes financeiros; e contrabando de pessoas. São estas realidades que motivaram os Estados-membros a criarem



Toneladas de cocaína como estas são traficadas para África todos os anos.

AFP/GETTY IMAGES

a AFRIPOL como uma instituição continental para dar suporte à cooperação entre as agências policiais.

ADF: Embora ainda seja relativamente nova, que operações específicas bem-sucedidas pode destacar em que a AFRIPOL tenha desempenhado um papel vital no combate ao crime transnacional organizado no continente africano?

DR. SHARIF: A AFRIPOL é relativamente nova, e nós desenvolvemos as nossas estruturas para avançarmos gradualmente em direcção à sua plena operação. Na verdade, desde 2017, a AFRIPOL estava a trabalhar para criar os Gabinetes Nacionais de Interação da AFRIPOL (NLOs), nos Estados-membros da UA, e o Sistema de Comunicação Policial da AFRIPOL (AFSECOM). Todos os Estados-membros da UA já abriram os NLOs da AFRIPOL e receberam o equipamento do AFSECOM. Subsequentemente, a AFRIPOL irá realizar operações específicas nas diferentes regiões africanas no decurso do ano de 2021.

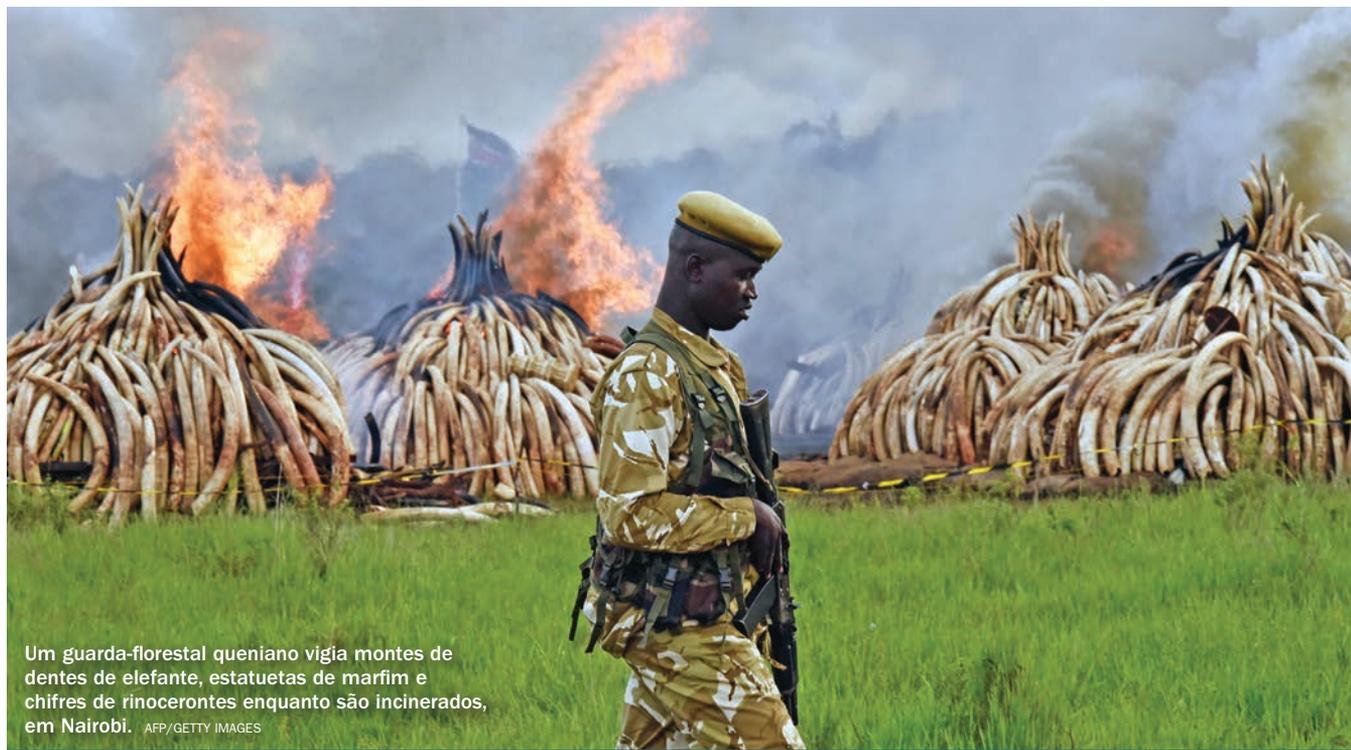
ADF: Medicamentos falsificados são um grande desafio para uma boa parte do continente. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, os países africanos representam 42% de todos os medicamentos falsificados em circulação. Isto leva a milhares de mortes a cada ano. O que é necessário fazer para acabar com isso?

DR. SHARIF: A ameaça que os medicamentos falsificados representam não é apenas contra a saúde de pessoas inocentes por resultar em complicações médicas, mas é também uma ameaça à segurança do Estado. Isso porque os contrabandistas, muitas vezes, pertencem a redes criminosas para as quais contrabandear medicamentos

contrafeitos é apenas uma parte das actividades ilícitas em que se envolvem. Actualmente, a AFRIPOL está a apoiar os Estados-membros a fortalecerem a sua capacidade para combater este crime. A AFRIPOL também está a operacionalizar o seu Grupo de Trabalho em Crime Organizado Transnacional, que irá fornecer orientações técnicas em áreas de prioridade para a capacitação e apoio técnico e legislativo.

ADF: Os sindicatos do crime com ligações internacionais estão a operar em muitos países africanos para traficar partes de animais em vias de extinção. Em muitos casos, este comércio ilegal está ligado à medicina tradicional chinesa. O que a AFRIPOL pode fazer para ajudar as agências africanas de aplicação da lei a entrarem em parceria umas com as outras e com agências mundiais do combate ao crime para acabar com este comércio?

DR. SHARIF: O tráfico de produtos da fauna e flora selvagens em geral, incluindo o tráfico de partes de animais, é um dos crimes que a AFRIPOL escolheu como uma grande preocupação no continente africano. De facto, os relatórios indicam um aumento da caça furtiva neste período de COVID-19. A AFRIPOL está focalizada em melhorar a cooperação, não apenas das agências de combate ao crime da UA: polícia, agentes da guarda fronteira e das alfândegas. Na verdade, o acordo de cooperação da AFRIPOL com a Interpol e com outras organizações internacionais da polícia, que iremos assinar em breve, ajudará a desfazer as operações das redes criminosas, que estão cada vez mais a tornarem-se internacionais. A cooperação global possibilita a partilha de experiências com agências de aplicação da lei para além do continente, algo que é benéfico para as agências africanas de aplicação da lei.



Um guarda-florestal queniano vigia montes de dentes de elefante, estatuetas de marfim e chifres de rinocerontes enquanto são incinerados, em Nairobi. AFP/GETTY IMAGES



Um agente da polícia da Costa do Marfim mostra comprimidos de Tramadol falsificado apreendidos numa incursão nas lojas de Abidjan, que vendiam medicamentos falsos. AFP/GETTY IMAGES



Agentes da polícia da Costa do Marfim da unidade de combate ao crime transnacional vigiam armas, dinheiro, marfim e outros itens confiscados depois de desmantelarem uma rede de tráfico de drogas, em 2019. AFP/GETTY IMAGES

ADF: Embora os países africanos tenham dado passos significativos no combate ao comércio de drogas, o continente continua a ser tanto um ponto de trânsito da droga ilegal bem como um destino para os traficantes de drogas. De acordo com o Gabinete das Nações Unidas Contra a Droga e o Crime, cerca de 18 toneladas de cocaína são traficadas através da África Ocidental todos os anos, e cerca de 70.000 quilogramas de heroína são traficados através da África Oriental. Em que lugar a AFRIPOL focaliza os seus esforços para travar o comércio de drogas?

DR. SHARIF: A droga continua a ser um desafio. É neste aspecto que a AFRIPOL continua a trabalhar para dar apoio aos esforços de todos os Estados-membros. A AFRIPOL também está a identificar estratégias e projectos com os nossos parceiros a nível global e com outras organizações policiais internacionais. Tudo isso é com vista a melhorar a coordenação e facilitar a troca de informação para identificar várias rotas usadas pelos traficantes.

ADF: De que formas específicas a pandemia global da COVID-19 afectou a AFRIPOL? Terá motivado alguma alteração na forma como as operações são realizadas? Se sim, como?

DR. SHARIF: Os efeitos da COVID-19 são vastos e causaram mudanças sem precedentes em todo o mundo. A pandemia fez com que muitas empresas e organizações passassem para o trabalho virtual e remoto. Por um lado, esta situação levou a uma relativa queda em crimes que tinham dominado a aplicação da lei, desde pequenos furtos a assaltos e roubos violentos. O contrabando transfronteiriço e o tráfico também reduziram. Isso foi o resultado dos confinamentos obrigatórios e os toques de recolher obrigatório, que praticamente paralisaram o movimento de pessoas — excepto para agências de segurança responsáveis por fazerem cumprir as novas

medidas. Por outro lado, muitos criminosos e suas redes estão a adoptar novos métodos de crime. Um aumento acentuado em crimes cibernéticos é um dos efeitos. De facto, a AFRIPOL está a trabalhar para a adopção de novas estratégias operacionais para lidar com os desafios que a COVID-19 representa.

ADF: Como director-executivo da AFRIPOL, quais são as suas visões a longo prazo e a curto prazo para aquilo que a AFRIPOL deve ser no futuro?

DR. SHARIF: Como uma instituição técnica da UA, cujo mandato é de dar suporte a agências policiais dos Estados-membros da UA, para prevenir e responder a ameaças que o crime organizado representa através da cooperação estruturada, a visão da AFRIPOL é de se tornar uma estrutura proeminente para a UA no combate ao crime organizado transnacional. E que todos os outros actores do continente na luta contra o crime organizado sejam secundários perante a AFRIPOL e que procurem orientações sobre o que fazer para reforçar o que a AFRIPOL está a fazer.

ADF: Há algo importante que gostaria de acrescentar sobre a AFRIPOL?

DR. SHARIF: Gostaria de enfatizar que o crime organizado transnacional, por definição, não pode ser combatido de forma eficaz por qualquer país sozinho. Os esforços para o combater devem basear-se na cooperação de todos os Estados a nível global. Esta “corrente” de luta contra o crime organizado transnacional apenas é tão forte quanto a sua ligação mais fraca. A AFRIPOL não irá apenas continuar a trabalhar para fortalecer a cooperação entre as agências policiais do continente, mas também com outras organizações semelhantes para a cooperação policial a nível global. Esperamos que esta seja uma visão partilhada a nível internacional. □



PAÍS INSULAR LIDA COM CIBERSEGURANÇA



As Maurícias emergem como um líder global na inovação da segurança informática

EQUIPA DA ADF

Por quase duas décadas, o país insular das Maurícias desejou ser uma força técnica e financeira no panorama mundial.

A ambição do país de se tornar uma “sociedade de informação” data de 2001, quando estabeleceu o Business Parks of Mauritius Ltd como uma empresa do governo para desenvolver tecnologia de informação e comunicação. Isso levou à criação do Cyber City Project, em 2003. O objectivo do projecto era de fazer com que as Maurícias fossem um destino preferencial para empresas e profissionais e “criar riqueza e emprego através do uso da tecnologia de informação,” reportou o *The New Economy*, do Reino Unido. Hoje, o projecto ocupa cerca de 62 hectares com cinco zonas distintas: Cibernética e Multimédia, Negócios e Finanças, Conhecimento, Comércio e Residência.

As Maurícias agora são consideradas como o país mais comprometido com a cibersegurança em África e é classificado em sexto lugar no mundo pelo Índice de Cibersegurança Global. Não é uma coincidência que as Maurícias são consideradas uma democracia mais bem-sucedida de África e um dos únicos 20 países do mundo a ser classificado como uma “democracia plena.”

A empresa Grove Applied Intelligence, da África do Sul, considera que o posicionamento das Maurícias como um líder em tecnologias de informação e comunicação (TICs) surge como resultado de “boas políticas do país e forte previsão a favor do sector de negócios.”

Em Maio de 2018, a União Europeia promulgou o Regulamento Geral de Protecção de Dados, que afecta todas as organizações e países que fazem negócios com a UE. O regulamento exige uma vasta gama de práticas de cibersegurança e de privacidade. Em antecipação dos regulamentos da UE, as Maurícias adoptaram a Lei de Protecção de Dados de 2017.

Ao anunciar a lei, oficiais das Maurícias disseram que foi o “equilíbrio correcto” entre os direitos de privacidade e as preocupações de segurança do governo e das empresas.

“O princípio fundamental que dá suporte à protecção de dados é garantir que as pessoas saibam

controlar a forma como a sua informação pessoal é usada ou, no mínimo, saber como os outros utilizam esta informação,” anotou o Gabinete de Protecção de Dados das Maurícias. “Os controladores de dados são pessoas ou organizações que detêm informação sobre os indivíduos, e devem obedecer aos princípios de protecção de dados ao manusear dados pessoais, e os ‘titulares dos dados’ são indivíduos que gozam dos direitos correspondentes.

“O objectivo da lei é de prever a protecção dos direitos de privacidade dos indivíduos tendo em conta os desenvolvimentos nas técnicas utilizadas para captar, transmitir, manipular, gravar ou armazenar dados relacionados com os indivíduos.”

Kaleem Ahmed Usmani lidera a Equipa de Resposta de Emergência Informática (CERT), das Maurícias, e é actualmente o representante mauriciano no Grupo de Especialistas do Governo em Cibernética das Nações Unidas. Em entrevista via e-mail com a ADF, Kaleem disse que o país sentiu que devia estar actualizado no que diz respeito a lidar com a cibersegurança.

“A rápida expansão das TICs no continente africano na passada década levou a um aumento da dependência da internet e das tecnologias móveis,” escreveu. “O aumento da penetração da internet também deixou os países vulneráveis a ataques cibernéticos. As legislações, políticas e capacitações no domínio da cibersegurança não têm sido o principal foco em muitos países devido à falta de conhecimento e vontade política.”

Kaleem disse que desde o princípio, a visão do governo mauriciano “era de fazer com que o país fosse uma ‘ilha cibernética’ em que as TICs seriam um quinto pilar da economia depois do açúcar, produtos têxteis, turismo e serviços financeiros.”

Equipa de Resposta de Emergência

Um aspecto principal da cibersegurança do país é a CERT das Maurícias, um departamento do Conselho Informático Nacional. A equipa de resposta opera um portal informático nacional que visa educar o público quanto a questões técnicas e sociais que

A indústria bancária das Maurícias depende da atenção que o país dá à cibersegurança.





Sobre as MAURÍCIAS

EQUIPA DA ADF

A República das Maurícias é um país insular no Oceano Índico a cerca de 2.000 quilómetros, no sudoeste do continente africano. Inclui a ilha principal de Maurícias e as ilhas de Agalega, Rodrigues e Saint-Brandon.



Não era habitada até cerca de 975, quando se acredita que os marinheiros árabes a descobriram.



Tornou-se um país independente em 1968. A maior parte da população fala um crioulo de base francesa.



A sua pequena dimensão – 2.040 quilómetros quadrados – coloca as Maurícias na 52ª posição dos 54 países do continente.



Encontra-se na 47ª em termos de população no continente, com 1,26 milhões de habitantes. Num ano normal, o número dos turistas é maior que o número de nacionais.



Em termos de produto interno bruto per capita, uma medida do rendimento económico do país por pessoa, as Maurícias classificam-se em terceiro lugar em África, ficando à frente apenas da Guiné Equatorial e das Seychelles. A nível do mundo, classificam-se na 61ª posição.



As Maurícias são o único país em África onde o Hinduísmo é a principal religião.



É o único lugar onde se encontram as famosas aves dodó, que não tinham qualquer inimigo natural e perderam a sua habilidade de voar. Os ocidentais que visitavam as ilhas descobriram que os dodós, que pesavam até 22 quilogramas, eram uma excelente fonte de alimentação. Até 1700, as aves ficaram extintas.

os usuários da internet enfrentam, em particular os perigos da internet. Os membros da equipa de resposta dizem que o objectivo é fornecer informação aos grupos-alvo enquanto eles “estudam, analisam, pesquisam e inovam continuamente para permanecer à frente e manter uma vantagem tecnológica sobre os actores do crime cibernético.”

As responsabilidades da equipa do portal são as seguintes:

- Encorajar organizações e indivíduos a reportarem incidentes de cibersegurança.
- Aconselhar os usuários da internet sobre como lidar com ameaças cibernéticas.
- Avaliar a segurança da infra-estrutura de tecnologia de informação (TI) da organização.
- Realizar auditorias de segurança de informação de terceiros para organizações.
- Ajudar organizações a estabelecerem melhores práticas de gestão de segurança.
- Ensinar e formar sobre cibersegurança.
- Organizar formações para profissionais de cibersegurança.

Sylvain Martinez, fundador da Elysium Security, disse a um sítio de notícias da internet mauriciano, Defimedia, que enquanto os lares e as empresas mauricianas continuarem a depender da tecnologia e a ligarem-se à internet, o país estará tão vulnerável a ataques cibernéticos quanto qualquer outro país desenvolvido.

“Enquanto o mundo moderno vai ficando cada vez mais digitalizado, irá também depender cada vez mais dos sistemas de TI, o que significa que a superfície de ataques cibernéticos também estará a crescer,” concluiu ele. “Em paralelo, existe mais e mais dinheiro para que os criminosos cibernéticos ganhem a partir de ataques cibernéticos assim como um aumento de um alto potencial impacto geopolítico, o que significa que os hackers estão a tornar-se profissionais cada vez mais sofisticados e com mais recursos.”

Um Portal Acessível

O portal nacional de cibersegurança das Maurícias pretende ser acessível ao usuário e valioso a quase todos os que utilizam a internet. Ele inclui uma explicação e um vídeo sobre phishing scams; um vídeo sobre proteger as crianças de cyber bullying; informação e um vídeo sobre como manter os seus filhos seguros quando estiverem online; dicas sobre como proteger-se a si próprio, a sua família e os seus dispositivos; e informação sobre uma linha directa nacional de segurança informática para denunciar páginas de internet perigosas. A página é útil mesmo para aqueles que não estão nas Maurícias.

O portal tem oito links de internet somente para crianças. A secção dos “pais”, do portal, inclui

informação sobre jogos de azar, conteúdo indecente, redes sociais, segurança na internet, vícios da internet, lixo electrónico, conversar de forma segura na internet, predadores da internet e uma secção separada que lida com o uso do Facebook.

A secção de “usuários individuais” oferece informação sobre smartphones, vírus de computador, compras e investimentos pela internet, incitamento ao ódio, acesso via wireless, spam e fraudes, as suas pegadas digitais e informática segura.

O portal oferece informação para organizações e empresas sobre realizar cópias de segurança de dados, combater ameaças, aceder aos controlos, lidar com vírus de computador, identificar roubo e privacidade, acesso via wireless e políticas de segurança.

Ferramentas gratuitas disponíveis para baixar incluem programas de antivírus, uma ferramenta para bloquear páginas da Internet, filtros e bloqueadores de spam e um programa para bloquear sites de phishing.

“O Sistema Online Mauriciano de Denúncias de Crimes Cibernéticos (MAUCORS) também foi estabelecido como uma plataforma online para denunciar crimes cibernéticos,” observou Kaleem. “O MAUCORS também fornece informação relacionada com várias formas de crimes cibernéticos e como os cidadãos podem proteger-se melhor.”

Ebene Cybercity, à saída de Port Louis, foi construída em 2001 como um centro de alta tecnologia para criar um ambiente de trabalho moderno. WIKIPÉDIA

Países Inteligentes Ainda em Risco

Kaleem disse que as lições aprendidas no seu país podem ser aplicadas em outros lugares.

“Outros países, especialmente em África, podem seguir os passos das Maurícias para fortalecer a sua resiliência cibernética,” recomendou. “Estas incluem medidas tais como o desenvolvimento de legislação

nacional ligada à cibersegurança, estratégias, criação de CERTs e sistemas técnicos, capacitações na área de cibersegurança e promoção da cooperação internacional. As Maurícias estariam muito dispostas a partilhar a sua experiência na região.”

Especialistas em segurança dizem que mesmo países bem esclarecidos em termos de internet, como as Maurícias, enfrentam riscos de segurança, e à medida que o país incluir mais empresas públicas e privadas nas práticas online, os riscos continuarão

a crescer. Os tipos mais comuns são phishing, vírus informáticos e ameaças a infra-estruturas, Loganaden Velvindron, do African Peering & Interconnection Forum, disse ao Defimedia.

“Os phishings são comuns em e-mails de pessoas que dizem ser alguém diferente,” disse. “Muitas pessoas não são capazes de identificar phishings feitos contra si. Os vírus informáticos são comuns em smartphones, tablets e também em PCs infectados. Por último, infra-estruturas vulneráveis que são exploradas são muito comuns: os servidores, muitas vezes, são deixados a funcionar durante anos sem planos de actualizações de segurança.

Continua na página 23



Kaleem Ahmed Usmani



A Segurança Deve Continuar Aberta e RESPONSÁVEL



EQUIPA DA ADF



O Dr. Nathaniel Allen é Professor Assistente de estudos de segurança, no Centro de Estudos Estratégicos de África. Ele é responsável por supervisionar o programa académico do centro na área de cibersegurança e operações de apoio à paz e pela integração destas considerações nas actividades de pesquisa e divulgação do centro. Ele falou ao telefone com a ADF sobre as Maurícias e sobre o seu trabalho relacionado com crimes cibernéticos.

ADF: Por que as Maurícias são um dos países líderes no que diz respeito ao combate contra ataques cibernéticos?

ALLEN: As Maurícias têm algumas vantagens que muitos países africanos não têm: é um país pequeno, bem governado, com rendimentos médios altos. Está a posicionar-se como um centro financeiro e de negócios regional e global, possui uma elevada taxa de penetração da internet e um sector das TICs (tecnologias de informação e comunicação) robusto. Estes factores fazem com que a cibersegurança seja uma questão muito importante para os parlamentares e para os actores da indústria nas Maurícias. Ambos investiram muito para garantir que as Maurícias tenham infra-estruturas, recursos humanos, estruturas legais, relações de múltiplos actores e instituições necessárias para prevenir e recuperar-se de ataques cibernéticos com sucesso.

ADF: As Maurícias estabeleceram uma forma para que o povo — público e privado — use a internet e denuncie ataques cibernéticos. Será que isto é algo novo? Será que outros países fazem o mesmo?

ALLEN: É a melhor prática ao lidar com ataques cibernéticos. O sistema de denúncias online das Maurícias é administrado pela sua equipa de resposta de emergência informática (CERT). As CERTs estão

a tornar-se veículos cada vez mais comuns para os países e sectores fazerem a monitoria, prevenirem, responderem e gerirem ataques cibernéticos. Ainda não é uma prática padronizada em África, onde mais da metade dos países da região não tem uma CERT. A CERT das Maurícias foi fundada em 2008 e tem estado à frente em relação aos outros.

ADF: Será que outros países podem conseguir fazer o que as Maurícias estão a fazer? Eles devem tentar?

ALLEN: Sem dúvidas. Penso que outros países em África deviam olhar com muita atenção para a forma como as Maurícias estão a fazer a gestão dos seus desafios de cibersegurança, e apenas vai ser uma questão de tempo antes de eles terem de o fazer. A penetração da internet no continente ainda é relativamente baixa — entre cerca de 30% e 40% — mas espera-se que aumente para 75% até ao final da década. À medida que mais países ficam ligados à internet, e mais pessoas usam a banda larga, as vulnerabilidades irão aumentar, e o mesmo acontecerá com a importância da cibersegurança. Os países de África que já possuem um nível elevado de penetração da internet tendem a ter as melhores políticas de cibersegurança. À medida que o número de pessoas com acesso à internet aumenta, o uso de cibersegurança terá de seguir o mesmo rumo.

ADF: Será que o estatuto das Maurícias como uma democracia bem estabelecida tem alguma coisa a ver com os seus esforços na área do combate ao crime cibernético?

ALLEN: Sim. As Maurícias encontraram uma forma de prevenir e responder ao crime cibernético enquanto mantêm o seu estatuto como uma democracia que respeita as liberdades civis e políticas dos seus cidadãos. Penso que é crucialmente importante dar ao sector de segurança um papel que o permita lidar de forma efectiva e gerir a ameaça do crime cibernético, mas também permanecer comprometido com princípios de governação do sector de segurança abertos, transparentes e responsáveis. Este é um dos desafios centrais que muitos governos do mundo — incluindo em África — enfrentam actualmente.

ADF: As Maurícias estão a trabalhar juntamente com os bancos para combaterem o crime cibernético. Na sua opinião, quais são os outros aspectos da sociedade, ou das empresas, com os quais o país pode trabalhar para eliminar o crime cibernético?

ALLEN: Visto que é um centro nevrálgico para o resto da economia, o sector financeiro sempre foi um parceiro-chave dos governos quando se trata de responder ao crime cibernético. Os bancos tendem a dedicar recursos significativos para gerirem ameaças de assuntos como transferências ilegais e fraude de cartões de crédito. Isso faz com que eles sejam um parceiro natural de qualquer governo. Dadas as tentativas das Maurícias de se posicionarem como um centro financeiro para a maior parte de África e Ásia, o relacionamento é ainda mais crucial. As TICs estão cada vez mais a ficarem integradas no nosso dia-a-dia e em muitos sectores diferentes; muitas empresas em muitos sectores dependem das TICs ou de infra-estruturas de TICs de alguma forma, o que torna a cibersegurança ainda mais crucial.

ADF: Qual é o próximo passo para as Maurícias na luta contra o crime cibernético?

ALLEN: Esperamos que sejam apenas passos a subir. Contudo, a pandemia da COVID-19 já demonstrou ser um desafio, à medida que os actores das ameaças cibernéticas nas Maurícias e em todo o mundo procuram explorar cada vez mais a pandemia para fazerem spams, phishings e outros tipos de engenharia social. As notícias falsas e a desinformação relacionadas com a pandemia também são um problema. Mas penso que o maior perigo da pandemia é que ela já afectou a economia do país. Mas a pandemia está também, de muitas formas, a acelerar movimentos em direcção ao desenvolvimento motivado pelas TICs. Então, estamos num período de grandes incertezas.

Continuação da página 21

Muitos sítios da internet foram desfigurados devido à falta de auditorias de segurança para identificar códigos vulneráveis em funcionamento.”

As Maurícias também deram passos para eliminar notícias falsas, disse Kaleem, com uma pena de até 10 anos de prisão para aqueles que publicarem informação falsa de forma consciente. Acrescentou que o seu país tem portais e páginas da internet especializados onde os cidadãos podem encontrar “informação autêntica.”

Kaleem disse que os riscos da cibersegurança são mais altos do que nunca.

“A crescente dependência do ciberespaço traz novas oportunidades, mas ao mesmo tempo novas ameaças,” disse. “À medida que novos crimes estão a ser desenvolvidos e a uma velocidade exponencial, os governos reconhecem as graves ameaças que os criminosos cibernéticos representam bem como os impactos sobre infra-estruturas importantes do país.”

Kaleem e outros especialistas dizem que existem alguns controlos de segurança básicos que todas as organizações devem ter, incluindo programas de antivírus actualizados, um firewall e palavras passe fortes e específicas para cada aplicativo. Depois existe a questão de uso do senso comum: pensar antes de clicar.

A actual crise da COVID-19 causou um aumento nos crimes cibernéticos, dizem os especialistas.

“Durante esta crise, que promoveu mais dependência em sistemas informáticos, dispositivos móveis e a internet para trabalhar, comunicar, fazer compras, partilhar e receber informação, notou-se um aumento acentuado em incidentes cibernéticos,” disse Kaleem. “Foi vista uma mudança no panorama das ameaças cibernéticas nas Maurícias. As campanhas de phishing, fraudes pela internet, incluindo extorsão, publicação de conteúdos ofensivos, foram tendências contínuas, em comparação com outros tipos de incidentes tradicionais como roubo de identidade, cyber bullying, invasão, entre outros.”

Enquanto a digitalização avança, assim também acontece com os riscos, dizem os especialistas. Subheer Ramnoruth, director da Escola de Gestão de Whitefield, em Curepipe, Maurícias, disse que as pessoas estão “vagamente cientes” dos riscos de cibersegurança, o que as deixa mais propensas a ameaças cibernéticas.

“Por exemplo, quando alguém baixa um aplicativo para o telemóvel, alguma vez já perguntamos por que o aplicativo nos pede permissão para ver as nossas fotos ou o nosso registo de chamadas?” disse ao Defimedia. “Ou será que procuramos ver se esses aplicativos são genuínos ou fraudulentos? Por que uma empresa investiria centenas de milhares de rupias [mauricianas] para desenvolver um aplicativo e depois oferecer na internet gratuitamente para todos? Decerto que existe um outro motivo.” □



ILUSTRAÇÃO DA ADF

ALÉM DO CUMPRIMENTO DAS OBRIGAÇÕES

AS MULHERES DAS FORÇAS DE DEFESA DO LESOTO CUIDAM DAS SUAS COMUNIDADES

CAPT. NOLUKHANYO NDLELENI, FORÇAS DE DEFESA DO LESOTO

As mulheres são uma parte crucial das Forças de Defesa do Lesoto (LDF). Elas perfazem cerca de 16% do pessoal uniformizado, ocupam postos que vão desde os níveis iniciais até ao de brigadeiro. Mas as mulheres não trabalham apenas em “serviços de apoio” militar. Elas também são destacadas para combates, e uma grande maioria trabalha em batalhões da infantaria. Para além das suas muitas obrigações nas LDF, elas demonstram serviço abnegado que vai para além do serviço militar, melhorando as vidas das pessoas na comunidade, especialmente das crianças.

O país de 30.000 quilómetros quadrados e cerca de 2 milhões de habitantes tem poucas preocupações com a segurança global, mas as LDF lidam com muitas questões domésticas de segurança. A sua principal função é proteger a integridade territorial e a soberania do país, enquanto também defendem a Constituição. As obrigações do dia-a-dia das LDF incluem a patrulha da fronteira com a África do Sul. Os soldados ficam atentos a certos pontos de foco para prevenirem a travessia ilegal de gado e roubo de animais de criação, bem como contrabando de armas de fogo e cannabis sativa. A força também garante a segurança em instalações públicas tais como barragens.

As LDF desempenham papéis secundários de dar assistência a outros ministérios governamentais. Durante catástrofes naturais, como fortes tempestades de neve, as LDF trabalham com as Autoridades de Gestão de Calamidades do país para ajudar cidadãos vulneráveis. Além disso, os que têm mais de 70 anos de idade têm direito a uma Pensão de Velhice paga mensalmente, que é desembolsada em cerca de 300 locais de pagamento em todo o país. As LDF fazem a

entrega do dinheiro nos pontos de pagamento por via aérea e garantem a segurança.

Recentemente, o pessoal das LDF participou em esforços da COVID-19, testando cidadãos nacionais Basotho, que regressavam da África do Sul e de outras partes do mundo, maior parte dos quais utilizando pontos de travessia de fronteira não oficiais. Os soldados também garantem a segurança em instalações de quarentena.

O produto interno bruto per capita do Lesoto está estimado em 3.319 dólares, que é relativamente alto para um país em vias de desenvolvimento. Mas a distribuição da riqueza é muito desigual. Uma das principais repercussões desta desigualdade é a alta prevalência da pobreza no país. Cerca de 57% da população vive abaixo da linha da pobreza.

Por causa destas realidades demográficas, o Lesoto precisa de pessoas que podem pensar fora da caixa, pessoas que estão dispostas a servir em vez de somente querer ser servidas. As mulheres das LDF decidiram fazer uso do seu espírito de luta para trabalhar para além dos limites das suas obrigações regulares.

INSPIRADAS PARA AGIR

Um incidente trágico serviu de inspiração para que estas mulheres assumissem uma nova missão: a de ajudar as pessoas mais vulneráveis do país — as suas crianças órfãs.

Foi em 2010 quando uma mulher particular nas LDF, mãe de um menino, foi morta pelo seu parceiro. Depois da sua morte, o seu filho não tinha outros membros da família que o cuidassem, mas em pouco tempo foi adoptado. Quando as mulheres soldados



Lesoto, um pequeno reino cercado de terra localizado na África Austral, distingue-se pela sua altitude elevada e relevo montanhoso. É um de apenas três países cujo território é cercado apenas por um outro país e é o único país deste género no continente africano. ILUSTRAÇÃO DA ADF

contemplaram a tragédia deste evento, sugeriram formas de prestar apoio a famílias que cuidavam de órfãos. Criaram um sistema para evitar a recorrência do evento, fornecendo às mulheres soldados uma forma de procurar aconselhamento quando sofressem algum abuso. As mulheres soldados procuraram olhar para além do caso único de 2010 para procurar casos semelhantes e trouxeram assistentes sociais para a equipa de modo a ajudar as mulheres em serviço.

Todas as mulheres, excepto as que estavam no treinamento de recrutas, participam cuidando de órfãos e crianças vulneráveis no país. Elas o fazem angariando fundos e realizando doações desses fundos para as

crianças, assim como doando bens pessoais, tais como absorventes higiénicos, roupas, material escolar e outros itens. Através dessas contribuições mensais, as mulheres soldados e oficiais estão determinadas a lidar com questões sociais da comunidade, tais como a pobreza, o analfabetismo e a alta incidência de crianças deixadas órfãs por causa do HIV/SIDA, entre outras situações. Uma das formas que as mulheres usam para angariar fundos para apoiar as crianças é através de actividades conhecidas como Mokhibo, uma dança tradicional feminina executada em grupo e de joelhos em celebrações. As mulheres executam esta dança e cobram as entradas para angariar fundos. Também aceitam roupas e outros donativos nos seus eventos.

As mulheres realizam outra dança tradicional dos Basotho chamada litolobonya, uma forma de canção e dança exclusivamente para raparigas e mulheres casadas. A versão das raparigas de litolobonya pode ser executada em lugares abertos e assistida por qualquer



Guarda cerimonial exclusivamente de mulheres das LDF marcha no Aeroporto Internacional de Moshoeshe 1, em Maseru, em Agosto de 2019. GABINETE DE RELAÇÕES PÚBLICAS DAS LDF



As mulheres das LDF apresentam a dança tradicional dos Basotho, conhecida como Mokhibo, num dia em que ofereceram contentores de roupas e materiais aos órfãos que elas têm apoiado. GABINETE DE RELAÇÕES PÚBLICAS DAS LDF

peessoa. A versão para mulheres, contudo, é altamente secreta e executada apenas por aquelas que já deram à luz filhos nascidos vivos e apenas em frente de outras mulheres numa apresentação conhecida por pitiki.

As mulheres das LDF aceitam doações em dinheiro e bens. Os órfãos recebem artigos de primeira necessidade todos os anos, tais como material escolar, roupa, alimentos, entre outros donativos. Os órfãos de pessoal militar podem aceder a serviços de saúde através do Hospital Militar de Makoanyane. Até então, todo o apoio tem vindo dos salários de mulheres soldados das LDF e pagamento de bilhetes para as entradas nas actuações de dança. Nenhum financiamento externo já foi usado até então.

Por quanto tempo estes esforços irão continuar, sendo que é algo que é feito por bondade e não dentro dos parâmetros das obrigações normais? Estas mulheres demonstraram serviço abnegado, disciplina, compromisso e dedicação para aquilo que é positivo. Também criaram uma forma de garantir que os seus esforços sejam geridos de forma adequada. A sua iniciativa tem uma estrutura sólida e um comité de 14 membros para supervisionar os seus esforços. O comité é composto por mulheres soldados das LDF e uma civil da secção de contabilidade. Existe uma presidente, a sua vice-presidente, uma secretária, duas tesoureiras, uma oficial de relações públicas e oito membros que representam várias unidades das LDF.

As mulheres têm tido apoio incondicional do comando superior das LDF. A natureza do seu

trabalho humanitário exige que se afastem das obrigações regulares periodicamente, e os comandantes as têm apoiado, permitindo esta flexibilidade. Em 2019, o comandante das Forças de Defesa do Lesoto, Tenente-General, Mojalefa Letsoela, distribuiu presentes em nome das mulheres, durante a celebração do Mês da Mulher Africana, demonstrando o seu apoio aos esforços das mulheres soldados.

Estas mulheres demonstraram não apenas amor, mas amor sacrificial pelo país e pela sua população mais vulnerável. Um verdadeiro soldado coloca a segurança dos outros em primeiro lugar. Os esforços destas mulheres soldados passam despercebidos na maior parte das vezes. O facto de que elas dedicaram as suas vidas para o bem-estar dos outros é algo inspirador. Elas merecem ser aplaudidas por fazerem mais do que o seu dever, sacrificando as suas finanças e o seu tempo para lidar com estas questões sociais importantes.

Embora tenha sido um pequeno começo, estes esforços cresceram para ser algo de que as mulheres das LDF — e de todo o Lesoto — possam se orgulhar. □



Sobre a autora: Capt. Nolutkanyo Ndleleni é membro das Forças de Defesa do Lesoto desde 2003. Ela fez a formação para cadetes em 2009-2010, na Academia de Treino de Oficiais da Índia, onde recebeu um prémio de melhor aluna internacional e muitos outros. Possui o grau de Mestrado em Administração de Empresas, pela Wits Business School, em Joanesburgo, África do Sul, e é aluna de doutoramento na mesma escola, com um foco em investimentos sociais militares. É casada e tem dois filhos.

SACUDINDO O ESTRESSE DA COVID-19





EQUIPA DA ADF

Imagine o estresse de ser um funcionário do sector de saúde em serviço durante uma pandemia global mortal.

O equipamento de protecção individual é escasso. A doença, COVID-19, é altamente contagiosa e pode alastrar-se rapidamente. Os doentes mais gravemente infectados pelo vírus precisam de cuidados médicos intensivos, incluindo ventilação.

Os funcionários da saúde têm de se adaptar à situação de ter de passar

noites sem dormir e horas incontáveis separados das suas famílias.

No Hospital Nacional Kenyatta, em Nairobi, Quênia, os funcionários da saúde estão a tentar fazer algo em relação a todo esse estresse acumulado. Os enfermeiros participaram num programa de fitness aeróbica, chamado Zumba. Dezenas de enfermeiros com uniforme hospitalar azul e máscaras faciais estão alinhados de acordo com as práticas do distanciamento social, no recinto da Unidade de Doenças Infecciosas.

Depois começam a mexer-se de acordo com o ritmo.

Zumba é um sistema de fitness, que combina movimentos de dança latina e música, com vários estilos diferentes e tem o potencial de queimar centenas de calorias por cada sessão, dependendo do esforço.

Assim como muitos exercícios, o Zumba funciona para reduzir os níveis de estresse, dando um novo vigor aos enfermeiros, de modo a continuarem a sua luta.



MOMENTO MARÍTIMO

A Cooperação Regional para Rastrear e Libertar uma Embarcação Roubada Demonstra o Progresso da África Ocidental na Segurança Marítima

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF



Quando os piratas no litoral da Costa do Marfim viram um arrastão de pesca enferrujado, provavelmente acharam que era um alvo fácil. Os piratas munidos de armamento pesado acreditaram que podiam rapidamente assumir o controlo do navio, navegar de volta para a região delta da Nigéria e manter refém a sua tripulação para depois exigir dinheiro de resgate. Eles também, provavelmente, planearam ficar com o arrastão para utilizá-lo como uma “embarcação-mãe” para futuros sequestros.

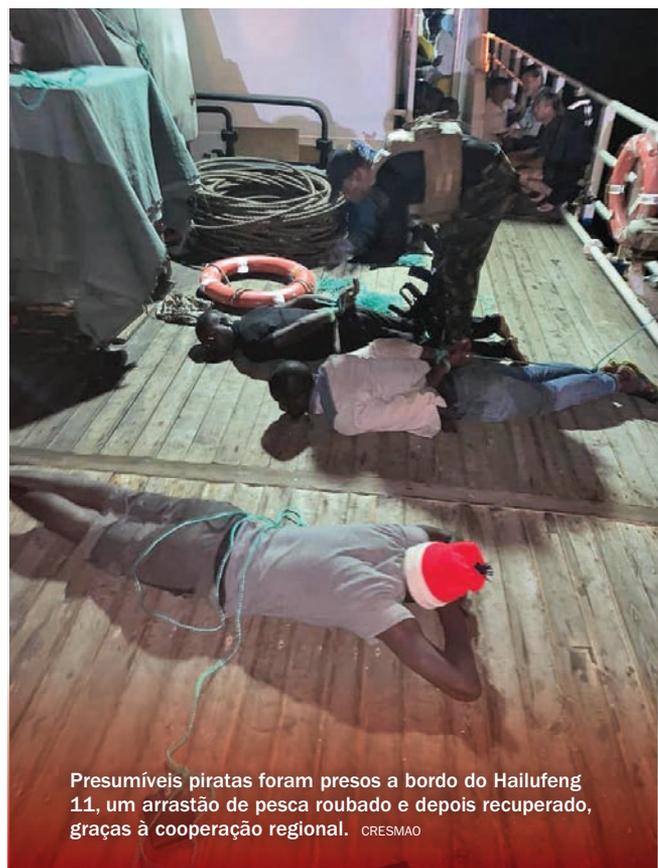
As coisas não correram como o planificado.

No dia 15 de Maio de 2020, 10 piratas subiram a bordo do Hailufeng 11, de bandeira chinesa, subjugaram os seus 18 tripulantes e desligaram o seu sistema de identificação automática (AIS). O transponder AIS transmite a localização do barco, e os piratas acharam que desligando-o faria com que a embarcação ficasse invisível aos sistemas de monitoria.

Mas as autoridades ainda estavam a vigiar.

Tendo recebido uma chamada de emergência do proprietário da embarcação, as autoridades foram capazes de determinar manualmente a última localização conhecida do Hailufeng. Eles fizeram a monitoria dos seus movimentos em tempo real com recurso às ferramentas de Conscientização do Domínio Marítimo (MDA, acrónimo em inglês), partilhadas por todos os países da região. Quando a embarcação roubada atravessou as águas do Gana, Togo e Benin, os profissionais que trabalham com MDA, nesses países, rastream-na, trocaram informação e destacaram barcos para a perseguirem.

Quando o barco atravessou as águas nigerianas, no dia 16 de Maio, o barco Nguru, da Marinha Nigeriana, estava à espera. Nguru encostou ao lado do barco de pesca a cerca de 140 milhas náuticas a sul de Lagos e ordenou que se desligassem os motores. Quando os piratas se recusaram, os comandos nigerianos fizeram um embarque



Presumíveis piratas foram presos a bordo do Hailufeng 11, um arrastão de pesca roubado e depois recuperado, graças à cooperação regional. CRESMAO



Forças especiais da Marinha Nigeriana preparam-se para apreender piratas numa simulação, durante um exercício militar conjunto de cinco dias, entre a Nigéria e a Marinha Francesa. AFP/GETTY IMAGES

oposto, subindo a bordo do Hailufeng, enquanto prosseguiram-no a uma velocidade de mais de 9 nós.

Não houve ferimentos nos marinheiros nem na tripulação, e a Marinha Nigeriana acompanhou o Hailufeng de volta para o Porto de Lagos e entregou os piratas para serem julgados.

“A Marinha Nigeriana tem capacidade e força para lidar com esse tipo de perpetradores,” disse o Comodoro Ibrahim Shettima, da Marinha Nigeriana, quando anunciava a apreensão.

Shettima acrescentou estendendo os seus agradecimentos especiais ao vizinho Benin, que partilhou informação com as autoridades nigerianas. “Isso sublinha a necessidade de um aumento da cooperação regional, em termos de partilha de informação e aprofundamento da capacidade de resposta,” disse Shettima.

Esse sequestro frustrado destaca o quanto a região desenvolveu em apenas alguns anos. A cooperação, a tecnologia e a formação demonstradas durante o esforço de recuperação, que durou 39 horas, seriam impossíveis até há bem pouco tempo, dizem especialistas.

Isso “demonstrou o domínio do uso de sistemas de monitoria de embarcações por especialistas da região e a sua utilidade para a monitoria de embarcações, para lutar contra a pesca [ilegal] e para a protecção da vida humana e de bens,” disse Seraphin Dedi, secretário-geral do Comité das Pescas do Centro-Oeste do Golfo da Guiné.

Sea Vision

Rastrear todos os navios que cruzam uma vasta extensão de mar é difícil. Na África Ocidental, onde as marinhas geralmente têm apenas algumas embarcações de profundidade e poucos meios aéreos, é ainda mais difícil. A tecnologia pode ser um multiplicador de forças.

Desde 2012, uma ferramenta de baixo custo desempenhou um papel importante na melhoria de MDA dos

países costeiros de África. O Sea Vision foi criado pelo Departamento de Transportes dos EUA a pedido das Forças Navais para África (NAVAF) e foi oferecido gratuitamente às forças navais africanas. Nessa altura, o crime marítimo era uma ameaça crescente, e as marinhas em todo o mundo tentavam estar à altura do desafio. “Sempre fomos bons em rastrear forças inimigas — forças vermelhas — e nossas forças — forças azuis. Mas rastrear navios comerciais, na verdade, nunca tínhamos trabalhado muito nesta área,” disse o gestor do projecto MDA, das NAVAF, David Rollo.

O Sea Vision é uma ferramenta MDA não classificada que exige apenas uma ligação à internet, nome de usuário e palavra passe. Permite que os usuários rastreiem embarcações comerciais no mundo inteiro. Com recurso aos dados AIS obtidos a partir de radares costeiros, satélites e outras fontes, o Sea Vision dá uma imagem completa sobre onde um navio está, onde esteve e o que está a bordo. Esta foi uma reviravolta para muitos países da África Ocidental e foi adoptado no norte e no sul da África Ocidental, de Angola à Mauritânia.

“Rapidamente expandiu-se,” disse Rollo. “Houve muitas pessoas que o utilizaram porque naquela altura havia muitos países que não tinham os seus próprios radares costeiros.”

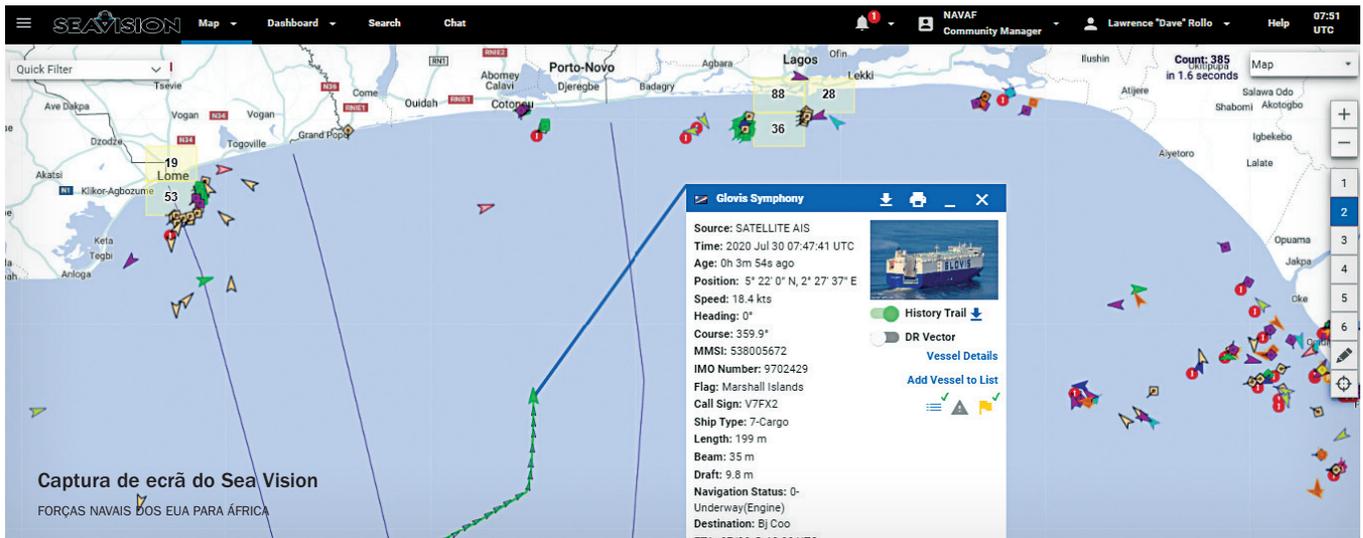
Hoje, o Sea Vision é a única ferramenta MDA partilhada pelos 25 países da África Ocidental e Central que fazem parte da arquitectura de segurança marítima regional, conhecida como Código de Conduta de Yaoundé. Os usuários, geralmente de centros de operação marítima de certos países, podem criar listas de embarcações, pesquisas e alertas personalizados numa grande variedade de critérios. Também existe uma função de chat que permite que os usuários troquem informação. Existem grupos comunitários em que os usuários podem fazer perguntas ou colocar informação para que todos possam ver.

Esta capacidade de MDA e a troca de informação levaram a respostas mais rápidas e melhor conhecimento daquilo que estava a acontecer, em particular no Golfo da Guiné.

“Costumava ser assim: caso um arrastão de pesca fosse sequestrado, recorria-se ao chefe do pessoal da marinha de um país, este entrava em contacto com a CNS de um outro país e podia descer a níveis mais baixos, mas já seriam dois, três dias, e nessa altura já é muito tarde,” explicou Rollo. “Agora estes homens passam informação de forma rápida. É espantoso.”

A colaboração é reforçada pelo exercício marítimo anual, denominado Obangame Express, patrocinado pelos EUA. Desde a década passada, Obangame permite que anualmente profissionais de MDA de países da África Ocidental se reúnam, colaborem e criem confiança.

“Todos eles trabalham juntos durante os exercícios. E os organizadores levam de propósito pessoas de países diferentes e as colocam juntas,” disse Rollo. “Agora todos eles conhecem-se uns aos outros e conversam num nível profissional e pessoal. Então, quando uma coisa acontece, eles já têm pessoas com quem podem entrar em contacto.”



Rastrear todos os navios que cruzam uma vasta extensão de mar é difícil. Na África Ocidental, onde as marinhas geralmente têm apenas algumas embarcações de profundidade e poucos meios aéreos, é ainda mais difícil. A tecnologia pode ser um multiplicador de forças.

Código de Conduta de Yaoundé

A recuperação do Hailufeng também destaca o desenvolvimento do Código de Conduta de Yaoundé. Assinado em 2013 por 25 países da África Ocidental e Central, o código fornece a estrutura para operações marítimas conjuntas, partilha de inteligência e quadros legais harmonizados. O código inclui cinco zonas, dois centros regionais e um Centro de Coordenação Inter-regional que vigia 6.000 quilômetros de linhas costeiras em 12 portos principais.

De acordo com uma análise feita pelo Dr. Ian Ralby, especialista em segurança marítima e Director-Executivo da I.R. Consilium, a informação sobre o sequestro do dia 15 de Maio foi partilhada de forma rápida e exacta com as autoridades competentes. Ele escreveu que o Ministério das Pescas da Costa do Marfim primeiro emitiu o alerta e depois partilhou a informação com a Comissão Permanente Inter-ministerial para a Acção do Estado no Mar, que, por sua vez, a partilhou com as autoridades da zona e da região na arquitectura Yaoundé.

Ralby disse que a partilha de informação foi dirigida pelo Centro de Coordenação Marítima Multinacional da Zona E, que inclui Benin, Nigéria e Togo. O centro regional conhecido como CRESMAO, que lida com águas da África Ocidental, desempenhou um papel de coordenação assim como o fez a sua contraparte da África Central, CRESMAC, que já estava preparada para enviar barcos caso a perseguição se alastrasse para além das águas nigerianas.

“Embora a marinha nigeriana mereça o crédito pelo sucesso da operação, existem muitas instituições sem as quais a situação não teria sido resolvida tão rapidamente e de forma bem-sucedida,” escreveu Ralby, num artigo publicado pelo *The Maritime Executive*.

A interdição bem-sucedida esteve em contraste com o desvio de um petroleiro, de 2016, o MT Maximus. Durante aquele incidente, as marinhas regionais contaram muito com a ajuda das marinhas estrangeiras.

“Muitos argumentaram que o incidente de 2016 não teria sido uma história de sucesso se não fosse pela assistência de marinhas estrangeiras, que trabalharam para rastrear a embarcação e coordenar o fluxo de informação sobre a mesma,” escreveu Ralby. “Desta vez, a Arquitectura Yaoundé e os Estados da região foram capazes de fazê-lo sem qualquer envolvimento estrangeiro.”

As 10 detenções destacaram um outro desenvolvimento positivo. Em 2019, a Nigéria promulgou a Lei da Supressão da Pirataria e Outros Delitos Marítimos. Isso modernizou as leis de combate à pirataria do país e destaca sanções severas de 15 anos de prisão à prisão perpétua e multas de até 500 milhões de naira, ou 1,3 milhões de dólares, a pessoas ou organizações condenadas por crimes marítimos.

Durante as interações recentes do Obangame Express, o Gabinete das Nações Unidas contra a Droga e o Crime analisou leis marítimas nacionais e levou a cabo simulações de pirataria. Vários países, incluindo a Nigéria, actualizaram ou estão em processo de actualizar as suas leis de combate à pirataria.

Os piratas que desviaram o Hailufeng estarão entre os primeiros a serem julgados nos termos do novo decreto da Nigéria.

“A nossa apreensão recente mostra à comunidade internacional que nós não lidamos com ilegalidades nas nossas águas de forma branda,” disse Dr. Bashir Jamoh, director-geral da Agência Nigeriana de Administração e Segurança Marítima. □



a
FRANQUIA
do CRIME

Caçadores furtivos de rinocerontes desenvolveram sofisticados sindicatos do crime. Alguns os chamam de McMafias.

EQUIPA DA ADF



Um tribunal malawiano condenou nove membros de uma quadrilha de traficantes de produtos provenientes da fauna bravia, Lin-Zhang, a um total de mais de 56 anos de prisão por traficar espécies em vias de extinção, em África.

A quadrilha, cujo nome foi atribuído por causa dos seus líderes, marido e mulher, era um dos sindicatos mais notabilizados de tráfico de produtos da fauna bravia do mundo e esteve a operar a partir do Malawi durante 10 anos, grupos de conservação disseram à Voz da América.

Os membros da quadrilha foram condenados por traficar chifres de rinoceronte, marfim, dentes de hipopótamo e escamas de pangolim.

Tais quadrilhas e sindicatos, também chamados de grupos de McMafia, já demonstraram ser imensamente difíceis de autuar. Mas assim como alguns casos de grande visibilidade, como o grupo Lin-Zhang demonstraram, um governo honesto e persistente pode fazer a justiça.

A BBC diz que tais cabecilhas organizam caças furtivas de rinocerontes nas comunidades rurais “onde os residentes locais são desesperadamente pobres e sabem como perseguir e caçar animais selvagens.”

“Esses grupos podem ser pequenos, mas possuem recursos suficientes e ligações para explorar de forma desproporcional o ambiente regional e os residentes locais.”

~ Poaching Facts

A procuradora sul-africana, Ansie Venter, disse à BBC como os caçadores conseguem ter os chifres de rinoceronte:

“Estas feras enormes são imobilizadas com recurso a armas de caça de alta potência antes de lhes serrarem os chifres enquanto ainda se encontram vivos e conscientes. Depois são deixadas a sangrar lentamente até à morte. Os caçadores furtivos não querem matá-los imediatamente porque um rinoceronte morto atrai abutres, e isso, por sua vez, alerta os fiscais.”

A Fundação Internacional do Rinoceronte comunicou, em 2018, que durante cinco anos, rinocerontes africanos têm sido caçados em número de três por dia. Esforços recentes de

conservação marcaram a diferença ao trazerem algumas destas espécies de volta, visto que estavam à beira da extinção, mas mesmo assim o número destas espécies é apenas uma simples fracção daquilo que era apenas 50 anos atrás.

Os conservacionistas dizem que, entre 2007 e 2014, a caça de rinoceronte aumentou 9.000%. O chifre de rinoceronte agora tem um valor superior ao da cocaína, heroína ou ouro. Dependendo de onde ele é vendido, o chifre pode custar entre 25.000 e 60.000 dólares por quilograma.

Tudo isso é por algo que não possui qualquer valor medicinal. O chifre de rinoceronte é utilizado na medicina tradicional chinesa, mas é principalmente composto de queratina — uma substância normal, que pode ser encontrada no cabelo, nas unhas e nos cascos de animais. O seu valor curativo baseia-se em superstições.

O julgamento do sindicato de Lin-Zhang constitui um momento raro, onde todas as partes necessárias do sistema de justiça se reuniram. Max Graham, do grupo ambiental Space for Giants, descreveu o processo para o *The Independent*, do Reino Unido, da seguinte forma:

“Passe alguns instantes a reflectir sobre todo os passos necessários para se chegar a este ponto: os fiscais precisaram de formação, equipamento e pagamento para fazerem patrulha no mato e encontrar pistas das operações da quadrilha. Investigadores especializados precisaram de meses para ganharem a confiança dos informantes. A polícia precisou de realizar uma operação de prisão delicada, para depois reunir provas enquanto se protege contra a corrupção. Os procuradores precisaram de casos irrefutáveis, e o juiz precisou de manter o julgamento a decorrer e fazer um julgamento incontestável.”

CRIME ‘FRANQUIADO’

O livro do jornalista Misha Glenny, de 2008, *McMafia*, fala sobre como esses cabecilhas da caça ao rinoceronte criam redes mundiais. Ele entrevistou Mark Galeotti, um especialista em crime transnacional, na Rússia, que explicou que sindicatos de crime “franquiado” têm as suas raízes na República da Chechénia.

“A mafia da Chechénia tornou-se uma marca, uma franquia — McMafia se quiser,” disse Galeotti. “Eles vendiam a alcunha ‘Checheno’ a organizações de protecção de vendas doutras cidades, desde que pagassem, claro, e desde que cumprissem sempre com a sua palavra.”

Este modelo de franquia do crime organizado espalhou-se desde essa altura pelo mundo até à Ásia, América do Sul e África. Estes sindicatos de caça furtiva não estão limitados a chifres de rinocerontes; eles já



traficaram outros animais selvagens em vias de extinção, drogas, seres humanos, armas, álcool e tabaco.

“Sindicatos de pequena escala e a nível regional realizam operações de caça furtiva e de tráfico no terreno e pagam caçadores e transportadores um valor modesto para adquirirem as partes dos animais,” o grupo de pesquisa, Poaching Facts, denunciou. “Esses grupos podem ser pequenos, mas possuem recursos suficientes e ligações para explorar de forma desproporcional o ambiente regional e os residentes locais. Estes sindicatos também são responsáveis por criar ou apoiar redes de tráfico e podem também distribuir armas assim como subornar funcionários e agentes da polícia.”

Heather Merritt, do Departamento do Estado dos EUA, enfatizou que os sindicatos do crime, muitas vezes, “envolvem-se em múltiplas áreas do crime, e essas redes podem traficar produtos da fauna bravia, drogas, seres humanos.” Numa conferência de imprensa, em Julho de 2020, falando sobre um sindicato do crime que opera em Moçambique, ela disse que “o tráfico de drogas pode estar de forma indirecta a financiar algumas das redes e actividades de terrorismo, quando os traficantes

pagam para obterem passagem segura via locais subgovernados e através de rotas que foram exploradas também por entidades terroristas.”

Um desenvolvimento relativamente novo é o sindicato de sequestros. Em finais de Julho de 2020, a polícia prendeu quatro pessoas por invadirem uma casa nos arredores de Joanesburgo, África do Sul, alegadamente utilizada por um sindicato de sequestros. Os agentes fizeram uma incursão na residência dias antes e prenderam cinco pessoas depois de receberem a informação de que a casa estava a ser utilizada como uma base pelo sindicato de sequestradores. A TimesLIVE, da África do Sul, informou que se acredita que as quatro pessoas detidas eram membros do sindicato, aumentando o número total para nove.

SHETANI E A ‘RAINHA DO MARFIM’

As autoridades prenderam um caçador furtivo de elefantes, de alto nível, e líder de quadrilha do sindicato de caça furtiva, Boniface Matthew Mariango, em Outubro de 2015, depois de investigações que iniciaram em Junho de 2014. Ele era um dos caçadores furtivos que aparece no documentário *The Ivory Game*.

Um guarda prisional tanzaniano acompanha Yang Fenglan, famosa ‘Rainha do Marfim’ da China, para o tribunal, em 2016.

AFP/GETTY IMAGES

Os conservacionistas dizem que, entre 2007 e 2014, a caça de rinoceronte aumentou 9.000%. O chifre de rinoceronte agora tem um valor superior ao da cocaína, heroína ou ouro. Dependendo de onde ele é vendido, o chifre pode custar entre 25.000 e 60.000 dólares por quilograma. Tudo isso é por algo que não possui qualquer valor medicinal.



Um rinoceronte-branco do sul e a sua cria apascentam no Parque Nacional de Nairobi, no Quênia, no dia 15 de Junho de 2020. REUTERS

Conhecido pelas autoridades policiais como “Shetani,” uma palavra em Swahili, que significa “diabo,” Mariango foi o chefe de pelo menos 15 sindicatos de caça furtiva e é responsabilizado pela morte de milhares de elefantes na Tanzânia, no Burundi, Quênia, Moçambique e Zâmbia. A BBC reportou que as autoridades dizem que ele também forneceu camiões e armas aos sindicatos de caça furtiva.

Quando foi preso, estava a tentar contrabandear 118 pontas avaliadas em mais de 863.000 dólares, informou o World Wide Fund for Nature. Em Março de 2017, um tribunal tanzaniano condenou Mariango a 12 anos de prisão. Um tribunal supremo rejeitou o seu recurso um ano depois.

Mariango foi acusado de fornecer marfim para uma famosa mulher de negócios chinesa, Yang Fenglan, conhecida como a “Rainha do Marfim,” que foi julgada na Tanzânia por traficar mais de 700 pontas de elefante avaliadas em 2,5 milhões de dólares. Em Fevereiro de 2019, um tribunal condenou-a a 15 anos de prisão. O tribunal também ordenou que os seus bens pessoais fossem confiscados.

Yang estava qualificada para sozinha ser uma “cabecilha” do crime organizado de África-para-China. Ela também era um caso raro no sentido de que a maior parte das prisões e condenações por tráfico de marfim envolvem contrabandistas de baixo escalão e actores de menor impacto.

A Unidade de Investigação de Crimes Graves Nacionais e Transnacionais da Tanzânia procurou seguir os seus rastros por mais de um ano. Ela foi presa depois de uma perseguição de carro em alta velocidade, em Outubro de 2015, e acusada de contrabando de marfim, entre 2000 e 2014.

Yang, que nasceu em Pequim, fez os seus estudos universitários especializando-se em língua Swahili, na China, — ficou fluente — e foi para a Tanzânia pela primeira vez na década de 1970. Ela trabalhou como tradutora para o Tazara e para o projecto de linha férrea Tanzânia-Zâmbia que a China ajudou a construir. A *China Daily* reportou que ela voltou para a China em 1975 quando a linha férrea foi concluída e trabalhou no departamento de comércio externo do governo chinês.

Em 1998, ela regressou para a Tanzânia e criou duas empresas num edifício — um restaurante chinês no rés-do-chão e uma empresa de investimentos, Beijing Great Wall Investment, no primeiro andar.

Até 2012, ela era secretária-geral do Conselho Empresarial China-África, na Tanzânia. “Eu em pessoa sou a melhor



ilustração da amizade China-Tanzânia,” disse ela, conforme foi reportado pela BBC.

Mas investigadores disseram que ela tinha uma vida dupla e com os seus muitos negócios e ligações sociais tinha-se tornado uma ligação-chave entre caçadores furtivos de marfim na África Ocidental e compradores na China, assim como em outras partes da Ásia. Ela viveu uma vida dupla, disseram os agentes, por mais de uma década. A Elephant Action League disse que Yang estava “ligada a várias empresas no exterior, todas elas de proprietários chineses, e circula nos escalões superiores dos cidadãos chineses que vivem e trabalham na Tanzânia.”

“Quando pensamos num cabecilha, pensamos em alguém como Al Capone,” Andrea Crosta, da the league, disse à BBC. “Mas esta era alguém que se misturava com as elites do país, que se infiltrava.”

Embora a maior parte do marfim contrabandeado por Yang acabasse por ir para a China, o seu país de origem foi rápido a corroborar com a sua condenação e recusou-se a ajudá-la.

Com as suas habilidades e com conhecimento privilegiado dos governos da China e da Tanzânia, ela era uma chefe do sindicato de crime de excelência. Ela tornou-se a peça-chave de uma rede de agentes locais corruptos que trabalham com criminosos do Sudeste Asiático. Esta combinação, disse a jornalista Glenny, “representa um problema em particular para as autoridades policiais tradicionais e exige muitos recursos.” Mesmo quando cabecilhas do contrabando são presos, o seu poder e influência fazem com que seja difícil trazê-los a julgamento. Em pelo menos dois casos de destaque, os chefes de dois sindicatos de contrabando evitaram ser julgados durante anos.

No caso da Rainha do Marfim, a Tanzânia encontrou a vontade e os recursos para ter uma condenação. □

Caçador furtivo de elefantes e líder da quadrilha de caça furtiva, Boniface Matthew Mariango. Ele é conhecido pelas autoridades policiais como “Shetani,” uma palavra em Swahili que significa “diabo.”

TERRA MATER FACTUAL STUDIOS



ILUSTRAÇÃO DA ADF

PROCURA CHINESA FOMENTA O COMÉRCIO

ILEGAL — DE PAU-ROSA —

FLORESTAS DE VALOR INCALCULÁVEL
ESTÃO A SER DIZIMADAS NO SENEGAL

EQUIPA DA ADF

Na Gâmbia, o pau-rosa é um grande negócio. Comerciantes chineses compram-no — centenas de milhares de toneladas métricas nos últimos anos — embora a sua exploração seja ilegal. Os agentes do governo são subornados para fazerem vista grossa, madeireiros contaram aos jornalistas. Homens de negócios senegaleses e gambianos obtêm lucros a partir dessa actividade, assim como o fazem alguns grupos armados. O Movimento das Forças Democráticas de Casamança, uma organização separatista que tem estado a lutar pela independência da região de Casamança, no Senegal, desde 1982, é financiado, em parte, através do tráfico de madeira.

A Gâmbia, o menor país da África continental, ficou desprovido da maior parte do seu pau-rosa há 10 anos, mas ainda assim se encontra

consistentemente entre os cinco principais exportadores de pau-rosa a nível mundial. O pau-rosa enviado a partir da Gâmbia está a ser roubado da região de Casamança, do vizinho Senegal. A Agência de Desenvolvimento da União Africana descreveu Casamança como “o pulmão verde e a última fortaleza florestal do Senegal.”

Desde 2017, a árvore do pau-rosa da África Oriental passou a ter protecção internacional. Foi alistada nos termos do Apêndice II da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens em Vias de Extinção, conhecida como CITES. O tratado protege o meio ambiente vivo. O governo gambiano, assim como o Senegal, assinou a convenção, que permite um comércio cuidadoso e regulado de pau-rosa, desde que seja legal e sustentável.

O governo do Senegal lutou contra a exploração ilegal, fazendo a revisão do seu código



Trabalhadores da Gâmbia e da Guiné, na companhia de um comerciante chinês, carregam madeira para um contentor.

REUTERS

de florestas. A AFR100, a Iniciativa Africana de Restauração da Paisagem Florestal, comunica que o código revisto torna mais rígidas as sanções, fortalece o pessoal do sector florestal e utiliza o Exército Senegalês para fazer a patrulha procurando por madeireiros ilegais e contrabandistas.

Os resultados da aplicação das normas mostram como a exploração ilegal começa a nível da base: em apenas uma semana, os agentes na região de Kolda apreenderam 119 carroças, 43 cavalos, 98 burros, duas motosserras, dois serrotes, dois machados e duas motorizadas.

É uma questão de procura e oferta, e a procura, na sua maior parte, vem da China, onde a madeira densa e bonita é usada para fazer mobília. A China banuiu a exploração de madeira nas suas próprias florestas naturais e, por algum tempo, obteve o seu pau-rosa a partir da Malásia e outros países do Sudeste Asiático. Depois de esgotar o pau-rosa nesses países, a China começou a explorar madeira da África por volta do ano 2010, de acordo com Naomi Basik Treanor, da instituição de caridade Forest Trends.

“O comércio de pau-rosa de ‘Senegambia’ está ao mesmo nível que os diamantes de guerra,” disse ela à BBC. “A natureza do conflito no Senegal e as fronteiras extremamente porosas fazem com que este comércio seja muito difícil de conter.”

A AGÊNCIA INVESTIGA

A BBC comunicou que a China importou mais de 300.000 toneladas métricas de pau-rosa da África Oriental a partir da Gâmbia desde 2017. Em

Junho de 2020, uma organização sem fins lucrativos, a Agência de Investigação Ambiental (EIA) divulgou os resultados da sua investigação de três anos em matérias de tráfico de pau-rosa na rota Senegal-Gâmbia-China. O relatório revelou os seguintes resultados:

Cerca de 1,6 milhões de árvores foram exploradas ilegalmente no Senegal e contrabandeadas para a Gâmbia, entre Junho de 2012 e Abril de 2020.

- O tráfico de pau-rosa entre Senegal e Gâmbia é, em grande medida, controlado pelo Movimento das Forças Democráticas de Casamança.
- Os próprios traficantes dizem que agentes do governo gambianos, de alto nível, comprometeram a proibição de exportação instituída pela administração gambiana actual.
- Os traficantes utilizaram uma empresa politicamente poderosa, a Jagne Narr Procurement & Agency Services, para contornar a proibição.
- Os números de importação e exportação não condizem. A Gâmbia registou 471 milhões de dólares a menos nas exportações de pau-rosa do que os seus parceiros declararam como importação, entre 2010 e 2018, disse a EIA. Em outras palavras, a China está a comprar ainda mais madeira do que aquilo que a Gâmbia declara como venda.

COMO CONTER ISSO?

Na sua investigação do tráfico do pau-rosa, a BBC descobriu pelo menos 12 depósitos que continham pau-rosa e outros tipos de madeira,

Continua na página 45



Trabalhadores da Gâmbia e da Guiné carregam madeira para um contentor. REUTERS



GRUPO FORMARÁ

8,000 AGRICULTORES AFRICANOS

EQUIPA DA ADF

Uma organização determinada para revitalizar terras de cultivo de forma sustentável irá formar mais de 8.000 agricultores da África Subsariana em matéria de administração de solos, incluindo alguns no Senegal, num programa de quatro anos.

O projecto Jardins Florestais é um trabalho da Trees for the Future, uma organização que presta assistência às comunidades do mundo inteiro na plantação de árvores através da distribuição de sementes.

A AFRIK21 comunicou que, através do programa, os agricultores podem plantar milhares de árvores para proteger o seu solo e restaurar os nutrientes. Como resultado, os agricultores terão como benefício o aumento do seu rendimento e segurança alimentar, apenas um ano depois do arranque do programa de formação.

Os países envolvidos são Camarões, Quênia, Senegal, Tanzânia e Uganda.

Os agricultores irão aprender a criar jardins florestais nas suas terras. O objectivo é melhorar a saúde do solo e a biodiversidade, plantar culturas diversas e ricas em nutrientes, aumentar os rendimentos e adaptar-se às alterações climáticas.

“Tal como muitos agricultores do mundo, estes têm estado a praticar a agricultura de uma única forma por gerações, intensificando a prática de monocultura,” Brandy Lellou, da Trees for the Future, disse à AFRIK21. “Através do projecto de Jardins Florestais, os agricultores estão a aprender como diversificar as

culturas, restaurar os solos e maximizar todo o potencial da sua terra.

“O agricultores vêem a sua nutrição e rendimento começar a melhorar constantemente nos primeiros dois anos,” disse ela, acrescentando que “até ao final do quarto ano, um jardim florestal de 0,4 hectares tem, tipicamente, cerca de 2.500 árvores.”

A Trees for the Future diz que a formação está dividida em cinco fases:

Identificação: A organização identifica 200 famílias de agricultores necessitados, selecciona os técnicos de formação e prepara os materiais necessários.

Protecção: No primeiro e no segundo anos, os agricultores plantam 2.500 árvores de rápido crescimento e arbustos que criam uma barreira de protecção e estabilização do solo.

Diversificação: No Segundo e no terceiro anos, os agricultores aprendem a diversificar os seus campos com vegetais e árvores de frutas para satisfazer as necessidades nutricionais da família e para a venda.

Optimização: No terceiro e no quarto anos, os agricultores aprendem sobre gestão avançada de Jardins Florestais e sobre conservação para otimizar a saúde e a produtividade da terra a longo prazo.

Graduação: No quarto ano, a Trees for the Future implementa uma estratégia de sustentabilidade com cada agricultor. Uma cerimónia de graduação celebra a conclusão da formação dos agricultores.

“É A GAMBIA QUE DEVE PÔR UM FIM À EXPORTAÇÃO DE PAU-ROSA.”

– Haidar el Ali, ambientalista e antigo ministro senegalês do meio ambiente



ILUSTRAÇÃO DA ADF

Continuação da página 42

ao longo da fronteira de 170 quilómetros, entre o Senegal e a Gâmbia. Todos eles estavam em território gambiano. Apesar de ser ilegal explorar pau-rosa do Senegal, a BBC observou esta exploração em local aberto.

Oficialmente, o governo da Gâmbia baniu a importação de pau-rosa da África Oriental a partir do Senegal. Nos termos da Lei das Florestas da Gâmbia, de 2018, a importação a partir de um outro país somente é legal se passar por um porto de entrada oficial.

A EIA diz que o comércio ilegal pode ser contido “quase que instantaneamente” se a Gâmbia estabelecer uma quota zero para a exportação de madeira e avisar a todas as partes da convenção, incluindo a China, que teria uma obrigação de impedir que os carregamentos venham para os seus portos.

“Isso poderia ser uma reviravolta para a Gâmbia, assim como para o povo e as florestas do Senegal, e prepararia o caminho para uma abordagem da África Oriental para salvar uma das espécies selvagens mais traficadas do mundo e combater a desertificação e as alterações climáticas,” disse Kidan Araya, coordenador de programas da EIA para África.

A EIA diz que as organizações internacionais devem pressionar a Gâmbia para encerrar os seus centros de tráfico de madeira, e as outras partes

envolvidas no tráfico devem tomar uma posição.

A empresa de transportes marítimos, Compagnie Maritime d’Affrètement-Compagnie Générale Maritime (CMA CGM) recebeu a mensagem. Esta empresa, a quarta maior transportadora do mundo, diz que fez a sua própria investigação depois de terem sido publicados os relatórios de exploração ilegal.

“Provavelmente houve algum pau-rosa escondido dentro dos seus carregamentos, partindo da Gâmbia com destino a China,” Guilhem Isaac Georges, da CMA CGM, disse à BBC. Ele disse que a empresa “decidiu interromper a exportação a partir daquele país até nova ordem.” A EIA acredita que a acção representa a primeira vez que uma empresa de transportes baniu o carregamento de uma classificação inteira de produto.

A empresa também diz que pensa em criar uma lista negra global de transportadores envolvidos no comércio ilegal de espécies protegidas e em vias de extinção.

Mas Haidar el Ali, ambientalista e antigo ministro senegalês do meio ambiente, disse que a Gâmbia continua a ser o actor fundamental no combate ao tráfico.

“É a Gâmbia que deve pôr um fim à exportação de pau-rosa,” disse à BBC. “Eles fazem bons discursos, boas promessas. Dizem, ‘Iremos parar,’ mas na realidade, isso é mentira.” □

UM ELEVADO

Preço a Pagar

A CRISE DA COVID-19
EXPÔS O VERDADEIRO
CUSTO DA DÍVIDA DA
ÁFRICA PARA COM A CHINA

O Estádio Nacional dos Heróis é um local multiuso em Lusaka, Zâmbia. É usado essencialmente para jogos de futebol e foi financiado com recurso a um empréstimo de 94 milhões de dólares da China.



EQUIPA DA ADF

Um visitante de Lusaka, a cidade capital da Zâmbia, não precisa de ir longe para ver o impacto da China.

Os passageiros chegam ao Aeroporto Internacional Kenneth Kaunda, com paredes de vidro, que custou 100 milhões de dólares. Passam pelas equipas de construção que estão a construir a faixa de rodagem da estrada Lusaka-Ndola, de 1,2 bilhões de dólares. Os amantes de desporto podem assistir a um jogo no Estádio Nacional dos Heróis, com capacidade para 60.000 pessoas, que custou 94 milhões de dólares. E quando as luzes são acesas, a corrente eléctrica é gerada pela estação hidroeléctrica e pela Barragem de Kariba, no rio Zambeze.

Todos estes projectos foram financiados por empréstimos chineses e construídos por empreiteiros chineses.

É impossível não se aperceber desses projectos. O que é mais difícil ver é o seu impacto na economia do país. A dívida externa da Zâmbia está estimada em 11,2 bilhões de dólares. Cerca da metade desse valor é devida à China. Anualmente, 40% a 50% das receitas internas da Zâmbia destinam-se ao serviço da dívida, o que significa que depois de serem pagos os trabalhadores do sector público, uma parte do orçamento é deixada para financiar necessidades tais como educação e saúde.

Quando os observadores olham com atenção vêem rachas na fachada. Nalguns casos, a qualidade da construção é baixa. Em 2011, a Estrada Lusaka-Chirundu, feita por chineses, ficou parcialmente destruída pelas águas das chuvas. Em outros casos, tais como os dois estádios desportivos reluzentes da Zâmbia, os projectos foram apelidados de “elefantes brancos.” Isso significa que possuem uma aparência impressionante, mas não são práticos nem geram muitos rendimentos.

Finalmente, existe a opacidade dos contratos entre a China e a Zâmbia. Poucos conhecem os

termos dos acordos ou quem se beneficia deles.

“Os empréstimos chineses, muitas vezes, nem sequer vão para as contas zambianas,” antigo Ministro de Informação e Radiodifusão da Zâmbia, Chishimba Kambwili, disse à Deutsche Welle. “Eles escolhem o empreiteiro da China, o empreiteiro é pago na China, mas fica reflectido nos nossos livros como um empréstimo chinês.”

Embora a dívida da Zâmbia esteja entre as mais sérias do continente, outros países africanos estão a prestar a devida atenção. Eles aperceberam-se de que a armadilha da enorme dívida externa pode estar à sua espera se não mudarem de rumo.

“O resto dos países africanos pode aprender das relações Zâmbia-China,” académico zambiano, Emmanuel Matambo, parte da Rede de Vozes do Sul para a Construção da Paz no Woodrow Wilson Center, disse à ADF. “O facto é que o desembolso não qualificado da dívida da China para as economias africanas fracas pode ter enormes implicações sobre a democracia africana.”

A empresa China Road and Bridge Corp. construiu a Linha Férrea de Bitola Padrão, no Quênia, com financiamento do governo chinês.

REUTERS



A IMAGEM DA DÍVIDA

As modernas ligações políticas e de negócios da China com a África datam desde a década de 1960. Na altura, o Presidente do Partido Comunista Chinês, Mao Zedong, procurou aprofundar laços com vários países africanos devido a um posicionamento anticolonial comum. Entre os primeiros grandes projectos de infra-estrutura estava a Linha Férrea de Tanzam que ligava a Zâmbia à costa tanzaniana.

Desde o início da década de 2000, muitos países africanos, em particular aqueles que possuem riquezas em minérios, escolheram fazer acordos com empresas estatais chinesas para a construção de estradas, pontes, portos, aeroportos e outros tipos de infra-estruturas.

A atractividade da dívida chinesa é óbvia. Os empréstimos têm poucos condicionalismos; não exigem transparência, reformas económicas ou padrões de direitos humanos. Em alguns casos bem conhecidos, oficiais de alta patente receberam pagamentos em troca da autorização dos empréstimos.



DÍVIDA COMO UMA AMEAÇA À SEGURANÇA NACIONAL

EQUIPA DA ADF

O peso esmagador da dívida externa tem implicações em quase todas as facetas da vida dos países. E embora a economia seja afectada de forma mais directa, o fardo da dívida de um país e os projectos de infra-estruturas construídas por estrangeiros também podem pôr em perigo a segurança.

INFRA-ESTRUTURAS NACIONAIS IMPORTANTES: Quando entidades estrangeiras emprestam dinheiro para financiar projectos, tais como portos, linhas férreas ou aeroportos, a própria infra-estrutura, muitas vezes, é usada como garantia para o empréstimo. No caso da China, a ameaça de levar a propriedade é uma das grandes preocupações. Vários projectos proeminentes, tais como o Porto de Djibouti e o Porto de Mombasa, assim como a Linha Férrea de Bitola Padrão, esses dois últimos do Quênia, correm supostamente o risco de serem confiscados devido a dívidas acumuladas. A China já fez isso em outras partes do mundo, incluindo na Sri Lanka, onde se apoderou de um porto. O controlo estrangeiro de infra-estruturas importantes ameaça a segurança de várias formas, como, por exemplo, limitar a possibilidade de um país de posicionar activos militares, comprometendo assim a sua capacidade de fazer a fiscalização das pessoas e dos bens que entram no país.

ESPIONAGEM: Empreiteiros chineses com fortes ligações com o Partido Comunista Chinês têm o histórico de usar projectos de desenvolvimento para recolherem informação. Em 2018, a China foi acusada de instalar dispositivos e programas de escuta para copiar secretamente informação de servidores de computadores da Sede da União Africana, em Adis Abeba, Etiópia. Um relatório da The Heritage Foundation concluiu que empresas chinesas construíram 186 edifícios governamentais em 14 redes de telecomunicações intra-governamentais sensíveis em África. Isso facilita a espionagem. "O governo chinês tem um longo histórico de todos os tipos de vigilância e espionagem a nível global," Joshua Meservey, analista político sénior de África na The Heritage Foundation, disse à Voz da América. "Então, sabemos que este é o tipo de coisas que eles querem fazer, o tipo de coisas que têm a capacidade de fazer."

RECURSOS NATURAIS: Os empréstimos chineses, às vezes, têm o suporte de garantias de acesso a produtos. Isto significa que se um país não estiver em condições de pagar em dinheiro, a China pode recuperar o seu dinheiro levando os recursos naturais do país devedor. Em África, um quarto de todos os empréstimos tem a garantia de recursos tais como petróleo, cobre, bauxite e cacau, de acordo com a empresa de consultoria Deloitte. A salvaguarda de recursos naturais está intimamente ligada à segurança nacional. Especialmente para riquezas em minérios e petróleo, que, muitas vezes, são utilizados para financiar despesas militares.

INSTABILIDADE: A crise da dívida leva ao desemprego, inflação, cortes drásticos nas despesas do governo e carência de bens de consumo. A história mostra que a segurança nacional está intimamente ligada à segurança económica. "Desde a década perdida da América Latina, nos anos 1980, até à mais recente crise da Grécia, existem muitas recordações dolorosas daquilo que acontece quando os países não são capazes de fazer o serviço das suas dívidas," escreveram o economista vencedor do Prémio Nobel, Joseph Stiglitz, e o Conselheiro-Sénior do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, Hamid Rashid. "Uma crise de dívida global hoje levará milhões de pessoas ao desemprego e promoverá a instabilidade e violência em todo o mundo."

Líderes de países africanos, muitas vezes, insistem que não têm outra opção senão entrarem em parceria com a China, visto que é tipicamente o único credor a oferecer-se para financiar algum projecto. Um estudo feito pelo Instituto Kiel para a Economia Mundial concluiu que a China empresta mais dinheiro à África do que o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e os países do Clube de Paris juntos.

“Quando as pessoas reclamam de empréstimos chineses, não é como se a maior parte dos países africanos tivesse uma infinidade de opções,” Gyude Moore, antigo Ministro das Obras Públicas da Libéria e parceiro sénior do Centro de Desenvolvimento Global, disse à Bloomberg.

Hoje, a China é o maior credor do continente africano e detém uma dívida de 145 bilhões de dólares. De acordo com o Instituto de Pesquisas China-África, da Universidade de Johns Hopkins, Angola é que recebeu mais empréstimos chineses, entre 2000 e 2017, no valor de 43 bilhões de dólares, seguida da Etiópia, no valor de 13,8 bilhões de dólares, Quênia, no valor de 8,9 bilhões de dólares, e Zâmbia, no valor de 8,6 bilhões de dólares.

COVID-19 E O ALÍVIO DA DÍVIDA

A pandemia da COVID-19 fez com que a economia do mundo ficasse quase paralisada. As economias africanas, muitas das quais dependem extremamente da extracção de minérios, turismo e agricultura, foram particularmente muito afectadas.

De acordo com o FMI, as economias da África Subariana sofrerão um decréscimo de pelo menos 3% em 2020. Antes da pandemia, havia uma previsão de que haveria de experimentar um aumento de vários pontos percentuais.

À luz desta crise global, os pagamentos de dívidas, que antes pareciam possíveis de gerir, tornaram-se um transtorno. Os países africanos devem à China cerca de 8 bilhões de dólares em pagamentos em 2020, dos quais cerca de 3 bilhões de dólares correspondem aos juros. Vários países grandes gastam mais nos pagamentos de juros de dívidas do que em cuidados de saúde.

PELOS NÚMEROS

20%

o valor da dívida dos governos africanos detida pela China

43 BILHÕES DE DÓLARES

empréstimo feito por Angola à China de 2001 a 2017

145

BILHÕES DE DÓLARES

o valor total devido por países africanos à China

8 BILHÕES DE DÓLARES

o valor que os países africanos deviam à China, em 2020, antes da COVID-19

20 MILHÕES

estimativa do número de empregos a serem perdidos em África devido à COVID-19

500 BILHÕES DE DÓLARES

o custo previsto para as economias africanas como resultado da COVID-19

Fontes: União Africana, Campanha da Dívida do Jubileu, Instituto de Pesquisas China-África da Universidade Johns Hopkins, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

Trabalhadores chineses da construção civil parados no local da construção do arranha-céu Torre Icônica, de 90 andares, que custa 1,2 bilhões de dólares, em Cairo, Egipto. REUTERS





O presidente zambiano, Edgar Lungu, saúda os trabalhadores chineses da Aviation Industry Corp. da China, durante uma visita a um grande projecto em Lusaka. AFP/GETTY IMAGES

“Mesmo que a pandemia da COVID-19 venha a passar, as suas consequências para os povos, as economias e o nosso planeta estarão connosco por muito tempo,” disse o presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, durante uma cimeira virtual China-África.

A crise levou a um coro de solicitações para que a China e outros países credores oferecessem alívio de dívida para África. Já houve algum progresso. Em Abril de 2020, os países do G-20, do qual a China faz parte, comprometeram-se em suspender os reembolsos da dívida de 73 países mais pobres do mundo por pelo menos oito meses.

A China também fez concessões. Em Junho de 2020, concordou em perdoar empréstimos sem juros concedidos a países africanos. Contudo, observadores afirmam que os empréstimos sem juros representam apenas uma pequena fracção do portfólio total de empréstimos da China para África — apenas 5%, de acordo com o Instituto de Pesquisas China-África.

Apesar das demonstrações públicas de boa vontade e uma cimeira virtual com os líderes africanos, em Julho de 2020, a China resistiu aos apelos de alívio adicional da dívida. Observadores afirmam que o país prefere negociações individuais à reestruturação da dívida em detrimento de qualquer espécie de plano de alívio abrangente.

“A atitude chinesa em relação a isso é, de antemão, bastante resistente,” Yun Sun, director do programa da

China no Stimson Center, disse à Voz da América. “Isso não significa que a China não se envolverá, por exemplo, em renegociação ou reestruturação da dívida ou mesmo adiamento para oferecer um período de graça mais longo para que os países africanos paguem a sua dívida. Mas penso que um perdão da dívida na totalidade não faz parte das opções.”

UMA VOZ DO PASSADO

Num discurso de 1987, na Organização da Unidade Africana, em Adis Abeba, Etiópia, o presidente burkinabe, Thomas Sankara, instou aos líderes a formarem uma “frente unida contra a dívida.” Sankara acreditava que a dívida era uma das formas mais rápidas de países relativamente jovens perderem a soberania. “A dívida é uma reconquista da África gerida de forma astuta que visa subjugar o seu crescimento e desenvolvimento através de regras estrangeiras,” disse a uma multidão, três meses antes do seu assassinato.

No meio da crise da COVID-19, muitos países do mundo estão a reexaminar o alerta de Sankara. À medida que os confinamentos obrigatórios terminam e as economias reabrem, os líderes tentarão equilibrar a necessidade do crescimento e desenvolvimento e o requisito urgente de proteger a saúde e o bem-estar dos cidadãos. As lições aprendidas da Zâmbia e outros países africanos mostram que a dívida externa é uma resposta a curto prazo que pode trazer consigo custos escondidos. □



Investindo na

INOVAÇÃO

EDWARD A. DURELL, ENGENHEIRO PROFISSIONAL E CONSELHEIRO NA ÁREA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS,
NO COMANDO DOS ESTADOS UNIDOS PARA ÁFRICA

**Com a Planificação Estratégica, África Está
Posicionada para Despoletar o seu Potencial Científico**

novações tecnológicas importantes geralmente não aparecem do nada. Criam-se as condições para que elas existam através da planificação e do apoio. Pelo menos 25 países africanos possuem estratégias de ciência, tecnologia e inovação (STI, em Inglês). Contudo, as Academias Africanas de Ciências notaram que estas políticas, muitas vezes, centram-se apenas no desenvolvimento de negócios e industrial, e “os objectivos sociais e ambientais não são adequadamente integrados.”

Hoje, os pontos fortes da pesquisa de África estão na agricultura, medicina tropical e doenças contagiosas, de acordo com um relatório de implementação de STI. Alargar o âmbito da pesquisa em investimento poderia ajudar a despoletar o vasto potencial científico de África.

O continente está no meio de uma explosão juvenil histórica, com quase 60% da população abaixo dos 25 anos de idade. De acordo com o Inquérito de Juventude Africana de 2020, 78% dos jovens estão interessados em seguir uma carreira em tecnologia. Os gigantes mundiais, como a Microsoft e a Google, estão ansiosos em tirar vantagens destes talentos e fizeram muito investimento em África, recentemente. Um exame cuidadoso das pesquisas e do panorama de desenvolvimento de África pode ajudar a mostrar onde o investimento estratégico pode trazer os maiores ganhos.

FINANCIANDO PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

Uma forma para medir a disponibilidade de um país em comprometer recursos para a ciência e tecnologia é examinando as despesas na área de pesquisa e desenvolvimento. GERD é um valor calculado com recurso às despesas domésticas brutas na área de pesquisa e desenvolvimento como uma percentagem do produto interno bruto. A União Africana estabeleceu uma meta de 1% de GERD para os seus Estados-membros; como forma de comparação, o GERD das despesas dos Estados Unidos é de 2,7%. A cada cinco anos a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura publica um relatório extensivo fazendo o acompanhamento da ciência, tecnologia, inovação e governação. O relatório inclui uma riqueza de estatísticas; um dos exemplos é o GERD.

Não existem dados disponíveis para todos os países africanos, mas a Tabela 1 apresenta os 15

Tabela 1. **CLASSIFICAÇÃO DO GERD POR PAÍS AFRICANO**

Classificação	País	GERD%
1	Malawi	1,06%
2	África do Sul	0,83%
3	Quênia	0,79%
4	Marrocos	0,71%
5	Burkina Faso	0,70%
6	Ruanda	0,67%
7	Tunísia	0,60%
8	Senegal	0,58%
9	Gabão	0,58%
10	Argélia	0,54%
11	Botswana	0,54%
12	Tanzânia	0,51%
13	Rep. Dem. do Congo	0,41%
14	Gana	0,38%
15	Ilhas Maurícias	0,35%

GERD – Despesas Domésticas Brutas em Pesquisa e Desenvolvimento

Nota: Todos os dados foram obtidos no Instituto de Estatísticas da UNESCO: <https://data.uis.unesco.org>, com excepção do valor de GERD do Malawi, cuja fonte é: “UNESCO Science Report: Towards 2030.”

principais países que declararam o seu GERD. Sob o ponto de vista de comunidades económicas regionais, o desempenho de GERD mais forte veio da União Árabe do Magrebe, composta por cinco membros. Três dos seus Estados-membros aparecem nos 10 primeiros lugares: Argélia, Marrocos e Tunísia.

As despesas são um indicador, mas o que dizer sobre as realizações em termos de tecnologias? Um parâmetro quantificável de saúde científica e tecnológica é utilizar solicitações de patentes como um indicador de inovações. Mais uma vez, como forma de comparação, o número de patentes por 1 milhão de habitantes para os Estados Unidos é de 129. A Tabela 2 ilustra as solicitações de patentes de residentes por 1 milhão de habitantes. Não existem dados disponíveis para todos os países, e alguns países utilizam a Organização Africana de Propriedade Intelectual como o seu departamento de patentes; os seus dados de solicitação não podem ser separados por países. Mais uma vez, existe um desempenho forte por parte da União Árabe do Magrebe, composta por cinco membros. Três

Tabela 2. **SOLICITAÇÃO DE PATENTE POR RESIDENTE POR UM MILHÃO DE HABITANTES POR PAÍS AFRICANO**

Classificação	País	Solicitações de Residentes por 1M	A despesa pública no ensino é superior a 4% do PIB?	O país encontra-se no terço superior para as despesas GERD?
1	Tunísia	15,36	Sim	Sim
2	África do Sul	11,64	Sim	Sim
3	Ilhas Maurícias	11,60	Sim	Não
4	Namíbia	7,98	Não	Não
5	Marrocos	5,26	Sim	Sim
6	Cabo Verde	5,14	Sim	Não
7	Quênia	4,56	Sim	Sim
8	Argélia	3,53	Sim	Sim
9	Moçambique	1,13	Sim	Sim
10	Ruanda	0,47	Não	Sim
11	Gana	0,44	Sim	Não
12	Tanzânia	0,43	Não	Não
13	Madagáscar	0,33	Não	Não
14	Uganda	0,14	Não	Sim
15	Etiópia	0,12	Sim	Não

Fontes: Solicitações de patentes: *World Intellectual Property Indicators 2019*, da Organização Mundial da Propriedade Intelectual; educação e despesas GERD: <https://en.unesco.org/countries>; população: *Central Intelligence Agency The World Factbook*

deles estão entre os primeiros oito: Tunísia, Marrocos e Argélia.

Alguns países têm bom desempenho na solicitação de patentes per capita embora as despesas GERD estejam fora do primeiro terço. Cabo Verde, Etiópia, Gana, Madagáscar, Ilhas Maurícias, Namíbia e Tanzânia são todos eles exemplos destes países. Exames mais aprofundados demonstram que a maior parte destes países possui despesas públicas saudáveis na educação — em termos gerais, acima de 4% do produto interno bruto. Um desempenho impressionante foi o de Madagáscar, da Namíbia e da Tanzânia; cada um possui despesas no GERD e ensino público, mas ainda assim conseguiram ter resultados satisfatórios de solicitação de patentes.

Uma observação pode ser feita quanto à Tabela 2: as amplas despesas no ensino e no GERD aumentam a probabilidade de desempenho respeitável na solicitação de patentes. A metade superior dos desempenhos de patente com média acima de 5% nas despesas do ensino e 0,5% no GERD. Os desempenhos da metade inferior com média de 4% no ensino e menos de 0,4% no GERD; enquanto estas despesas tendem a baixar, assim será com as solicitações de patentes. Isso confirma a crença de que investir no ensino, na pesquisa e no desenvolvimento leva-nos à inovação.

As patentes e a propriedade intelectual são componentes-chave para um ambiente favorável à inovação. Eles protegem o conhecimento através do fortalecimento dos direitos de propriedade intelectual e regimes regulamentares a todos os níveis. Contudo, o relatório de implementação da Organização Pan-Africana de Propriedade Intelectual resultou em falta de actividade na área de gestão da propriedade intelectual e transferência de tecnologia. Premiar a inovação prepara o caminho para futuras descobertas.

PERSPECTIVAS PROMISSORAS

Existem muitas razões para se ser otimista quanto ao futuro da inovação do continente. Um exemplo disso é a Iniciativa Próximo Einstein, do Instituto Africano de Ciências Matemáticas, sediado na Cidade do Cabo. A AIMS, fundada em 2003, é uma instituição que concede graduações, com centros em seis países africanos. A Iniciativa Próximo Einstein chegou a estar no programa TED Talk, em 2008, quando o físico sul-africano, Dr. Neil Turok, falou sobre um sonho de que o próximo Einstein seria africano. A iniciativa organiza um evento bienal, o Encontro Global do Fórum do Próximo Einstein, para potencializar a ciência para o desenvolvimento humano. O evento é motivado pela crença de que

as contribuições de África para a comunidade científica global são de grande importância para o progresso global. A escolha de vencedores para o “Desafio da Invenção para a Inovação” é feita em cada Encontro Global; os finalistas são conhecidos como “sciencepreneurs.” Uma invenção recente é uma plataforma analítica de dados, originária do Ruanda, que utiliza dispositivos de fraca potência para determinar níveis óptimos de fermentação para a indústria do processamento do chá. Uma outra invenção é uma caixa frigorífica móvel, recarregável, possível de rastrear, concebida e fabricada na Nigéria, que possibilita que as empresas armazenem e transportem produtos sensíveis à temperatura. Tal caixa pode desempenhar um papel fundamental na logística de cadeia civil e militar de frios; em particular para produtos sensíveis à temperatura, tais como medicamentos e vacinas.

Em alguns casos, as inovações são possibilitadas por iniciativas do governo. Um excelente exemplo é o Conselho para a Pesquisa Científica e Industrial da África do Sul (CSIR). A instituição de 75 anos de existência apoia pesquisas, no domínio do sector público e privado, que visam melhorar a competitividade da África do Sul no plano mundial. A maior instituição de pesquisa do seu tipo em África emprega mais de 2.000 pessoas e obtém a maior parte do seu financiamento através de direitos autorais de patentes e outros mecanismos gerados por si própria.

Com o passar dos anos, descobertas fundamentais possibilitadas pelo CSIR incluem componentes para baterias de lítio, culturas geneticamente modificadas para suportar condições ambientais severas, pesquisas sobre células fotovoltaicas para energia solar e avanços na nanotecnologia. O CSIR também é um líder reconhecido a nível global em pesquisas na área de HIV/SIDA e tuberculose.

OLHANDO PARA O ESPAÇO

Em 2016, a União Africana divulgou dois documentos importantes relacionados com o espaço: A Política do Espaço Africano e A Estratégia do Espaço Africano. A Estratégia tem quatro áreas de foco temático: observação da terra, navegação e posicionamento, comunicações via satélite, e ciências do espaço e astronomia. Os países africanos possuíam satélites em órbita muito antes de este documento ter sido publicado. Na verdade, 10 países possuem satélites: Argélia, Angola, Egipto, Etiópia, Gana, Quênia, Marrocos, Nigéria, Ruanda e África do Sul. A maior parte destes países ajudou a desenvolver satélites. Nenhum dos satélites foi lançado a partir do solo africano — ainda. O Gabão não possui um satélite; contudo, possui um centro de sensoriamento remoto, baseado na



terra, fora da capital, Libreville. Este centro, conhecido por AGEOS (Agence Gabonaise d’Etudes et d’Observations Spatiales), opera uma grande antena que colecta imagens a partir de satélites e as dissemina para um amplo segmento de sectores: operadores do sector mineiro, de petróleos, de florestas e marinho. A localização do Gabão é fundamental; encontra-se no centro da bacia do Congo, que possui a segunda maior floresta tropical do mundo. O raio de cobertura do centro é de 2.800 quilómetros e cobre 17 países e partes de outros seis. A AGEOS também trabalha no desenvolvimento de uma estação meteorológica.

A África do Sul está a entrar em parceria com a Austrália para construir o projecto de radiotelescópio em série num raio de um quilómetro quadrado. Quando estiver concluído, irá fornecer aos astrónomos melhor informação sobre o espaço profundo em menos tempo do que outros telescópios.

O CAMINHO PELA FRENTE

África é um continente em ascensão para capacidades científicas e tecnológicas, e existe uma abundância de oportunidades por explorar. O momento é adequado. Existem talentos. A oportunidade é quase que sem limites. O que é necessário agora é investimento em termos de ensino, instalações de pesquisa e apoio governamental. Com a mistura correcta, a próxima grande descoberta científica do Séc. XXI pode ocorrer em solo africano. □

Biologistas moleculares do Centro Africano de Excelência de Genomas de Doenças Infecciosas analisam amostras de COVID-19, em Ede, Nigéria.

AFP/GETTY IMAGES



Edward Durell, Engenheiro Profissional, é um especialista internacional de programas no Comando Dos Estados Unidos Para África. Um engenheiro de formação, ele lidera esforços de alcance para África no Gabinete de Ciências, Tecnologia e Inovação, fazendo a gestão de numerosos programas e iniciativas. Antes do seu cargo actual, ele foi responsável por gerir um programa da agência federal para o desenvolvimento e aplicação de especificações técnicas e padrões.



AFP/GETTY IMAGES

CORRIDAS DE AUTOMÓVEIS PODEM EXPANDIR-SE EM ÁFRICA

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

Corridas de automóveis da Fórmula E querem expandir as suas operações em África.

A série realiza uma corrida no continente. Marrakesh, no Marrocos, organiza uma das 14 rondas da época, mas uma outra pode ser acrescentada nos próximos dois anos.

O campeonato ainda não teve a participação de algum piloto africano desde que começou em 2014, mas existem também planos para mudança. A Fórmula E é um campeonato de desporto motorizado com piloto único, que usa apenas carros eléctricos.

“Um dos locais de que falamos é a Cidade do Cabo,” disse o fundador Alejandro Agag. “Temos algumas pessoas lá a trabalhar para ver se pode tornar isto uma realidade. Existe um lugar muito bom lá, próximo do estádio de futebol, então, essa seria uma das opções em que estamos a pensar.”

Marrakesh organizou uma corrida desde 2016, a terceira época de um campeonato que começou em 2014, e esse desporto tem probabilidades de

expandir ainda mais.

“África é um continente importante onde o crescimento está e irá acontecer,” disse Allan McNish, director desportivo da Audi Sport. “Neste momento, Marrakesh é a nossa casa em África, mas estamos activamente à procura de outras cidades, mas isso não significa que iremos parar de fazê-lo em Marrakesh.”

Enquanto a Fórmula E procura expandir o número de corridas em África, oficiais dizem que também estão a “procurar activamente” para encontrar o primeiro piloto africano da série.

Cada equipa tem dois pilotos, mas nenhuma das 12 equipas que competem este ano tem um africano.

“Penso que ter um herói local na pista é muito importante para atrair adeptos e para realmente ter uma ligação com os adeptos,” acrescentou Agag, natural da Espanha.

A última corrida da Fórmula 1 que decorreu em África foi na África Sul, com a pista do Kyalami a organizar o Grand Prix de 1993.

DESENHO ANIMADO DA — GNIGÉRIA — INTERNACIONALIZA-SE

EQUIPA DA ADF

Um famoso desenho animado infantil, feito por um animador nigeriano, está a promover a cultura e as histórias africanas.

A série de desenhos animados *Bino & Fino*, que foi ao ar pela primeira vez 10 anos atrás, agora já é transmitida em 15 países, incluindo os Estados Unidos e o Reino Unido.

O criador do programa, o animador Adamu Waziri, disse que não fazia sentido que o país mais populoso de África não tivesse um programa infantil de desenhos animados da sua própria autoria.

Ele disse que foi muito difícil encontrar animadores experientes na Nigéria: “é preciso fazer muitas formações,” disse à Voz da América. Acrescentou que, em princípio, uma série de desenhos animados leva dois a três anos a produzir e não gera rendimentos durante esse tempo.

Bino & Fino é sobre um irmão e uma irmã que vivem numa cidade africana cujo nome não é identificado. Em cada episódio, Bino e Fino, com a ajuda da amiga Zeena, a Borboleta Mágica, e seus familiares, descobrem e apreendem coisas sobre África e sobre o mundo. O programa destina-se a crianças de 3 a 5 anos de idade.

O episódio piloto celebrou o Dia da Independência da Nigéria e abordou a questão do colonialismo. O desenho também já teve segmentos onde se ensinam os números de um a 10, nas línguas nigerianas Igbo e Yoruba, reportou a CNN.

Bino & Fino não é o único desenho animado produzido em África. Os contos do Tinga-Tinga, por exemplo, são feitos no Quênia para a BBC, enquanto o *Jungle Beat* é produzido na África do Sul e já foi transmitido internacionalmente. Ambos desenhos, como muitos feitos em África, contam histórias sobre os animais do continente. Waziri estava determinado a fazer algo diferente, disse a CNN.

BINO & FINO



THE ASSOCIATED PRESS

ESTRELAS REALIZAM CONCERTO VIRTUAL

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

A

superestrela senegalesa, Youssou N'Dour, e a vencedora de grammy, Angelique Kidjo, do Benin, estiveram entre a

Angelique Kidjo, em 2020, nos Grammy Awards

galáxia de talentos que se reuniu para um concerto virtual para sensibilizar as pessoas sobre a pandemia da COVID-19.

Mais de 100 artistas e celebridades de todo o continente e da diáspora participaram do WAN Show difundido online pela Worldwide Afro Network e distribuído por 200 canais de televisão africanos para marcar o Dia da África.

“Depois da COVID-19, África será grande, África será forte,” estrela de kora maliana e artista de hip-hop, Sidiki Diabate, disse aquando do lançamento do concerto virtual. “Juntos somos invencíveis.”

O evento seguiu o modelo do concerto “One World: Together At Home”, que decorreu em Abril de 2020 e que reuniu Taylor Swift e os Rolling Stones, tocando a partir das suas casas.

A estrela de afro-pop maliana Salif Keita, o cantor congolês Fally Ipupa, Wizkid da Nigéria, Femi Kuti, o rapper senegalês Awadi, Magic System, da Costa do Marfim, e o cantor do Benin, Zeynab, estiveram entre as estrelas que actuaram a partir das suas salas de visita, estúdios ou jardins, terminando as suas canções com o verso: “Juntos como um só.”

O destaque da noite foi um dueto remoto entre N'Dour e Chris Martin, do Coldplay, que cantaram “Um Céu Cheio de Estrelas”.

“Eu sou optimista, a cultura está no princípio e no fim de tudo,” disse N'Dour, patrocinador da noite, que visava “primeiro promover a consciencialização da luta contra a pandemia, mas também para dizer que em muitas áreas nada voltará a ser como era antes.”

O cantor de reggae jamaicano e intérprete de ska, Jimmy Cliff, gravou “uma mensagem nestes tempos incertos.”

“Chegou mais uma vez o tempo para nós, os africanos, mostrarmos ao mundo quem somos,” disse. “Para os que estão no continente e na diáspora, é tempo de estarmos juntos como um só.”

ACTIVISTA DA PAZ LUTA PELO LUGAR DA MULHER NA MESA DAS NEGOCIAÇÕES

Rita Lopidia Abraham
ONU MULHERES

EQUIPA DA ADF

Numa mesa de negociações do conflito do Sudão do Sul, Rita Lopidia Abraham é alguém que se vê poucas vezes. Como mulher, ela senta-se do outro lado em relação à maioria masculina dos participantes, representantes das partes em conflito. Alguns deles perguntaram por que razão ela estava naquele lugar.

“Poderá compreender que na essência são aqueles que transportam armas a quem se dá o espaço para negociar,” disse ela em entrevista a One Earth Future.

O seu grupo, EVE Organização para o Desenvolvimento das Mulheres, foi criado para advogar a favor das mulheres e raparigas que se encontram nos corredores da violência. Muitas destas mulheres vivem em acampamentos para pessoas deslocadas internamente. Algumas perderam os seus familiares na guerra e são as únicas que garantem o sustento das suas famílias.

“Apenas faz sentido que, em qualquer resolução de conflitos, as mulheres façam parte [dela] em termos de contribuir com os seus pensamentos e partilhar as suas experiências de conflitos para moldarem o debate à volta da paz,” disse ela.

Abraham foi delegada das negociações da paz do Sudão do Sul, em Adis Abeba, Etiópia, e em Cartum, Sudão. Ela assinou um acordo de paz em 2018 em nome da Coligação de Mulheres do Sudão do Sul para a Paz, um grupo de coordenação de 50 organizações de mulheres, reportou a Voz da América.

Em 2020, recebeu o Prémio Mulheres que Constroem a Paz, do Instituto da Paz dos Estados Unidos da América. O Prémio vem com uma quantia de 10.000 dólares. Ela disse que pensa em usar o dinheiro para financiar um projecto para ajudar mulheres jovens a desempenharem



ONU MULHERES

os seus papéis de liderança. Uma outra parte do dinheiro irá ajudar órfãos e crianças da rua do Sudão do Sul.

Ela pensa em continuar a emprestar a sua voz para a busca pela paz no seu país. Existe muito trabalho a fazer de modo a incluir as mulheres no processo de construção da paz. A análise feita pelas Nações Unidas de 14 processos de paz, de 2000 a 2010, chegou à conclusão de que apenas 8% dos negociadores e 3% dos signatários são mulheres. Muitos acordos de paz nem chegam a mencionar mulheres no seu texto.

“O que realmente me motiva tem sido a situação em que vivemos — a luta das mulheres face a violência que todos partilhamos,” disse ela ao instituto.

Forças Francesas Derrubam Líder da AQIM

EQUIPA DA ADF

Numa operação, no norte do Mali, os soldados das forças especiais francesas mataram o fundador da al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQIM). Na altura da sua morte, Abdelmalek Droukdel era um dos terroristas mais procurados do mundo.

Droukdel nasceu na Argélia e foi uma das muitas figuras responsáveis pela insurgência de extremismo e violência na região do Sahel. Ele foi morto no dia 3 de Junho de 2020, depois de atravessar vindo da Argélia para o Mali.

“Esta luta essencial pela paz e estabilidade na região acaba de alcançar um grande sucesso,” disse o Ministro de Defesa Francês, Florence Parly, de acordo com o *The África Report*.

Vários outros associados de Droukdel foram mortos na incursão, e as forças francesas dizem que estavam confiantes quanto à identidade do então líder do terror. A AQIM apareceu para confirmar a morte duas semanas depois, quando divulgou um vídeo homenageando Droukdel.

“Eu felicito e agradeço a todos aqueles que possibilitaram e levaram a cabo estas operações arriscadas, que causaram vários danos severos a estes grupos terroristas,” disse Parly. “As nossas forças, em cooperação com os seus parceiros do G5 do Sahel, irão continuar a persegui-los de forma incansável.”

Droukdel formou-se como um fabricante de bombas e foi um dos primeiros a utilizar bombas suicidas na Argélia. Depois de fugir daquele país, o seu grupo terrorista declarou formalmente que se aliava a al-Qaeda, em 2007. Com o passar dos anos, a AQIM espalhou terror em vários países sahelianos através de ataques perpetrados em hotéis, estâncias turísticas e sequestrando civis para pedir resgate. Alegadamente, organizou os ataques de terror contra o Hotel Splendid e outros locais em Ouagadougou, Burkina Faso, em 2016, que causaram a morte de 30 pessoas e deixaram mais de 50 feridos.

A aldeia de Talhandak, no Mali, onde as forças francesas mataram o líder da al-Qaeda no Magrebe Islâmico

AFP/GETTY IMAGES

PLATAFORMA DE FORNECIMENTO DE MATERIAL MÉDICO DÁ AOS PAÍSES AFRICANOS

O PODER DE COMPRA

EQUIPA DA ADF

A União Africana anunciou o lançamento de uma loja online de atendimento único que irá ajudar os países a adquirirem o equipamento médico muito necessário durante o surto da COVID-19.

A Plataforma Africana de Fornecimento de Material Médico alista kits de testes, equipamento de protecção individual, ventiladores, monitores para pacientes e desinfetantes de fabricantes certificados vendidos a preço acessível.

O bilionário zimbabweano, Strive Masiyiwa, que ajudou a desenvolver a plataforma, disse que a União Africana está a receber pedidos “de outras partes do mundo para obter a licença do conceito.”

“A África está na dianteira desta solução online para assegurar que todos os nossos governos tenham acesso a equipamento de protecção e outros materiais médicos de que precisarem, a preços justos,” disse Masiyiwa, numa reportagem feita pelo *The Namibian*.

A plataforma, que irá funcionar como a Amazon ou o eBay, é resultado de uma parceria que envolve a União Africana; o Centro Africano para de Controlo e Prevenção de Doenças (África CDC); a Janngo, uma startup de estúdio social; o Banco Africano de Importação e Exportação (Afreximbank); a Comissão Económica das Nações Unidas para África; e outras organizações.

Em Julho de 2020, Masiyiwa anunciou que a fundação Bill e Melinda Gates juntou-se à parceria e garantiu fazer a cobertura de pelo menos 9 milhões do medicamento dexametasona, que será distribuído gratuitamente aos países. “Temos uma crença conjunta de que o acesso a ferramentas que salvam vidas não devia depender da possibilidade de pagar,” disse Masiyiwa.



Trabalhadores processam um carregamento de material médico para a protecção contra a COVID-19, em Adis Abeba, Etiópia. REUTERS

Tipicamente, os pagamentos serão através do Afreximbank, e empresas de transporte africanas como RwandAir, Ethiopian Airways e South African Airways irão transportar os bens para as principais cidades. Muitas das requisições serão entregues dentro de cinco a 10 dias.

Masiyiwa disse que a plataforma irá “sem constrangimentos” promover os produtos fabricados em África.

“Esta plataforma não possui fins lucrativos; assim como o África CDC e o Afreximbank,” disse Masiyiwa, numa reportagem da News24, da África do Sul. “Esses são os principais parceiros da plataforma, sem taxas, sem negócios para nenhum de nós.”

Ao anunciar a plataforma, o Presidente Sul-africano, Cyril Ramaphosa, disse que este tipo de acção colectiva irá “unir o continente.”

A plataforma “irá lidar com as carências e a garantia de fornecimento, assegurar a competitividade do preço e a transparência no aprovisionamento, reduzir os atrasos de logística, simplificar os processos de pagamento e providenciar uma plataforma comum onde os governos podem aceder aos serviços de fornecedores de qualidade e certificados,” disse Ramaphosa.

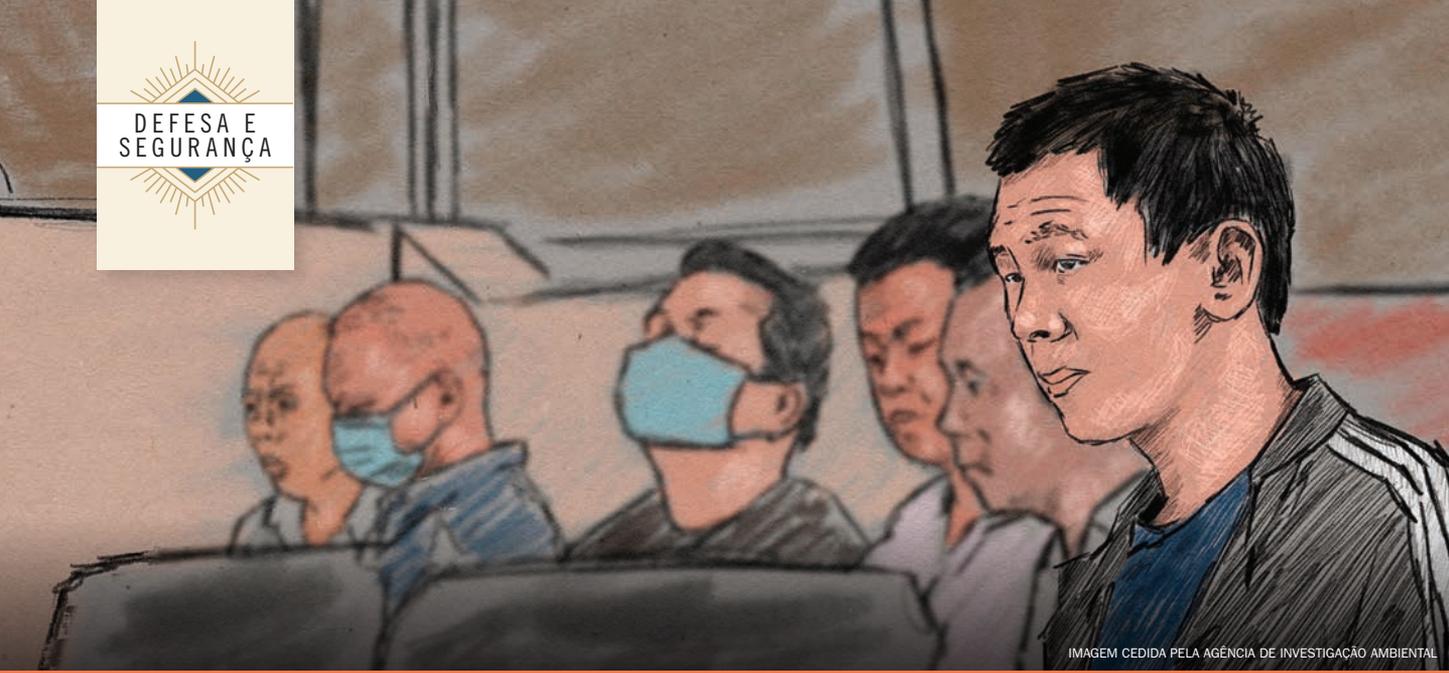


IMAGEM CEDIDA PELA AGÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO AMBIENTAL

TRIBUNAL MALAWIANO

PRENDE TRAFICANTES **LIGADOS À REDE DE PRODUTOS DA FAUNA BRAVIA**

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

O tribunal malawiano condenou membros de uma rede de traficantes a um total de 56 anos de prisão pela venda de produtos provenientes da fauna bravia.

Os nove traficantes condenados faziam parte da associação criminosa Lin-Zhang e incluía sete cidadãos de nacionalidade chinesa. Os agentes prenderam o chefe da quadrilha, Yunhua Lin, em Agosto de 2020, depois de três meses de caça ao homem. O tribunal considerou-o culpado de tráfico de partes de animais, tais como escamas de pangolim, chifres de rinoceronte, marfim e dentes de hipopótamos.

Brighton Kumchedwa, Director de Parques e Vida Selvagem do Malawi, aclamou as condenações. “O Malawi não é mais um parque de diversão para estes criminosos que destoem a vida selvagem,” disse depois da sentença.

As autoridades acreditam que Lin-Zhang tem estado a operar no Malawi por pelo menos uma década. A caça furtiva já dizimou a população de elefantes do mundo, que registou um declínio de vários milhões no início do Séc. XIX para cerca de 400.000 em 2015. Até 60% das mortes de elefantes podem ser atribuídas à caça furtiva, de acordo com o grupo de conservação World Wildlife Fund.

Existe uma grande procura na Ásia por dentes de elefante, chifres de rinoceronte e outras partes de animais para ornamentação e suas alegadas propriedades medicinais.

Grupos ambientais internacionais elogiaram o Malawi pelo seu comprometimento em derrubar redes de tráfico. O Malawi prendeu 14 membros da associação



Malawi condenou nove membros da quadrilha de caçadores furtivos, Lin-Zhang, a uma pena combinada de 56 anos de prisão por tráfico de animais e suas partes. IMAGEM CEDIDA PELA AGÊNCIA DE INVESTIGAÇÃO AMBIENTAL

criminosa, em 2019, e, até Agosto de 2020, um ainda esperava pelo julgamento, reportou o Nyasa Times.

“Depois de anos de esforços conjuntos e de superar inúmeros obstáculos, este pequeno país demonstrou como, com vontade política e determinação, desmantelar uma das mais proeminentes associações criminosas do crime organizado internacional em África,” disse Mary Rice, directora-executiva da Agência de Investigação Ambiental.

Rice espera que outros países sigam o exemplo do Malawi. “Combater o crime a este nível requer sofisticação, colaboração, coragem e tenacidade,” explicou. “O Malawi deve orgulhar-se muito — e outros países africanos que actualmente lutam contra este flagelo do comércio ilegal de vida selvagem fariam bem se seguissem este exemplo de liderança global.”



COSTA DO MARFIM CAPTURA LÍDER EXTREMISTA

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

As forças costa-marfinenses capturaram um líder extremista e um grande número de guerrilheiros responsáveis por um ataque contra um posto fronteiriço.

O Ministro da Defesa, Hamed Bakayoko, não indicou o nome do terrorista suspeito, mas disse que ele foi responsável pelo ataque de 11 de Junho de 2020 contra a fronteira com o Burkina Faso, que fez 14 vítimas mortais e seis feridos, dentre o pessoal militar, de acordo com uma reportagem da Al-Jazeera. O ataque que decorreu antes do amanhecer foi atribuído ao Grupo de Apoio ao Islão e aos Muçulmanos.

Foi o primeiro grande ataque em solo costa-marfinense desde 2016 e veio pouco depois de uma missão conjunta costa-marfinense-burquinabe para livrar a região fronteiriça de extremistas.

“Iremos mais a fundo à medida que as investigações continuam,” disse Bakayoko. “Sabemos com quem esteve em contacto e quem esteve por detrás.”

Bakayoko deu crédito das prisões das pessoas que participaram no assalto às fotos retiradas de telemóveis.

No dia 18 de Junho, o Exército da Costa do Marfim disse que tinha realizado uma limpeza na zona de Kafolo e no vizinho Parque Nacional de Camoe, um conhecido refúgio de extremistas. As tropas capturaram 27 pessoas, destruíram material logístico e confiscaram equipamento de comunicação.

O ataque sobre Kafolo sacudiu a Costa do Marfim, que apenas recentemente retomou a estabilidade depois de uma década de turbulência. O ataque de 11 de Junho ocorreu na mesma zona onde os dois países fizeram o lançamento de uma operação pioneira conjunta em Maio para acabar com os extremistas.

A operação Comoe, nome atribuído por causa do rio que flui pelos dois países, levou à morte de oito suspeitos terroristas, a captura de outros 38 e a destruição de uma base terrorista em Alidouougou, no Burkina Faso, afirmou o Exército da Costa do Marfim, no dia 24 de Maio de 2020.

Kiali Ouattara, chefe tradicional de Ferkessedougou, Costa do Marfim, caminha numa cidade próxima da fronteira com o Burkina Faso e o Mali. Os terroristas atacaram a região em Junho de 2020, matando 14 pessoas. AFP/GETTY IMAGES

EQUIPA EXCLUSIVAMENTE DE MULHERES DA FORÇA AÉREA FAZ HISTÓRIA NA NIGÉRIA

EQUIPA DA ADF

Depois de esforços para recrutar e treinar mais pilotos do sexo feminino, as Forças Aéreas Nigerianas (NAF) anunciaram que tinham realizado uma missão de inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR) dirigida inteiramente por uma equipa de mulheres. A missão, que utilizou uma aeronave Beechcraft King Air ISR, foi composta por duas pilotos do sexo feminino, uma técnica de bordo, uma operadora de missão e uma orientadora. Esta missão exclusivamente de mulheres foi a primeira na história das NAF.

“O objectivo das NAF quanto a este assunto é de maximizar todos os potenciais da vasta reserva de recursos humanos da Nigéria, masculinos e femininos, para assegurar o emprego eficaz, eficiente e atempado do poder aéreo em resposta a imperativos de segurança nacional,” Comodoro da Força Aérea, Ibikunle Daramola, disse ao This Day.



Membros da tripulação das Forças Aéreas Nigerianas fazem a inspecção da aeronave Beechcraft King Air ISR. FORÇA AÉREA NIGERIANA

As NAF agora possuem sete pilotos do sexo feminino e tencionam aumentar esse número. O Grupo Executivo de Transporte Aéreo 307 deixou o Aeroporto Internacional de Nnamdi Azikiwe e sobrevoou partes do Estado de Níger. A capitã da Beechcraft, Oficial de Voo, Oluwabunmi Ijelu, é a primeira mulher a comandar uma aeronave das NAF.

Depois da missão, o Comodoro da Força Aérea, Francis Edosa, comandante do grupo de transporte aéreo, disse que a missão foi bem-sucedida e agradeceu ao Chefe do Pessoal da Força Aérea Nigeriana pelo compromisso de inclusão do género.

“Ele, na verdade, deu oportunidade aos géneros, e essa oportunidade chegou a ser concretizada porque nós tínhamos uma equipa exclusivamente feminina. Foram para a missão e foram bem-sucedidas. Penso que é algo de que nos devíamos orgulhar como Força Aérea.”

Sudão do Sul Trabalha para Vacinar

VOZ DA AMÉRICA

Shejirina Moni senta-se ao lado dos filhos à frente da sua residência de construção precária, em Juba, na capital do Sudão do Sul. Seis dos seus filhos morreram de várias doenças. Ela tem três filhos ainda vivos.

“O primeiro morreu aos 9 meses,” disse. “Outro morreu com 10 meses. Um outro morreu quando já estava a gatinhar, com cerca de 3 meses.”

A história da Moni destaca um facto triste: milhares de crianças no Sudão do Sul não recebem as vacinas rotineiras. Elas estão vulneráveis a doenças possíveis de prevenir.

Para além de lidar com a pandemia da COVID-19, o país está a lutar contra um grave surto de sarampo, com mais de 4.700 casos confirmados e 26 mortes, desde Janeiro de 2019.

O governo do Sudão do Sul entrou em parceria com a

Organização Mundial de Saúde, o UNICEF, o Gavi, a Vaccine Alliance e a ONE, a campanha de luta contra a pobreza co-fundada pelo músico, celebridade e activista irlandês, Bono; para levar a cabo uma campanha de vacinação a nível nacional contra o sarampo, que visa alcançar 2,5 milhões de crianças.

A campanha foi lançada em Fevereiro de 2020 no único hospital pediátrico do país, Hospital Pediátrico de Al-Shabbah. Situado no centro de Juba, garante cuidados de saúde para mais de 5.000 pessoas por mês, alcançando algumas das pessoas mais pobres da cidade.

“Precisamos de impulsionar a cobertura da vacinação para proteger as crianças contra surtos de sarampo,” disse Dr. Makur Matur Kariom, Subsecretário do Ministério de Saúde. “Infelizmente, no Sudão do

Sul, a cobertura de vacinação de rotina contra o sarampo continua baixa, em apenas 59%.”

Especialistas de saúde pública recomendam que a cobertura não deve estar abaixo de 90%. É crucial manter aquele padrão para o sarampo, que é altamente infeccioso.

A cobertura da imunização contra o sarampo na infância é baixa no país por causa dos desafios logísticos envolvidos para manter as vacinas em temperaturas próximas ao congelamento. Não é fácil fazê-lo no Sudão do Sul, o país menos electrificado do mundo, onde as temperaturas, muitas vezes, atingem mais de 40 graus centígrados.

O Hospital de Al-Shabbah utiliza um congelador à energia solar oferecido pelo UNICEF.

“Podemos guardar estas coisas numa temperatura correcta aqui, no hospital. Essa é a coisa mais

importante,” disse Dr. Felix Nyungura, director-executivo do hospital. “A electricidade pública ainda não chegou aqui, nesta zona. Embora em alguns lugares já tenha chegado. Mas agora nós dependemos da energia solar e da electricidade de um gerador.”



Uma profissional de saúde administra uma vacina contra a pólio no Sudão do Sul.

AFP/GETTY IMAGES



'Comboio de Esperança' Luta contra Vírus no Campo

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Dezenas de residentes locais perfilam-se ansiosos à medida que o comboio pára lentamente, na estação, numa zona remota da província costeira do Cabo Oriental, na África do Sul.

O famoso Comboio de Esperança veio para providenciar testes de despiste da COVID-19 num dos pontos de maior incidência do vírus na África do Sul, a partir de uma clínica móvel especialmente equipada para o efeito.

A região do Cabo Oriental, em meados de Junho de 2020, representou 14% das infecções pela COVID-19 na África do Sul. Desde que o primeiro caso foi registado no dia 5 de Março, o país mais industrializado de África registou o maior número de casos do continente.

O comboio tinha antes operado como uma instalação de prestação de cuidados de saúde gerais, oferecendo serviços dentários, consultas de oftalmologia e serviços de aconselhamento em mais de 70 comunidades rurais da África do Sul. O comboio financiado pelo Estado foi readaptado para ser uma locomotiva de "esperança" na luta contra o vírus na África do Sul.

O comboio, conhecido nos tempos normais como Phelophepa, que significa "saúde boa e limpa" em língua Sotho e Tswana, cruza o país durante nove meses do ano.

"Arquivamos os serviços do Phelophepa e agora estamos unicamente a lidar com a questão da COVID-19," disse a gestora do comboio, Bheki Mendlula.

"Agora me apercebi, de repente, que o corona[vírus] é real e penso que devo saber qual é o meu estado, saber se estou segura ou não," disse Sinisipho Nxojelwa antes de fazer o teste.

Ela estava preocupada achando que a tia, uma enfermeira que vive com a família, pudesse ter trazido a infecção do trabalho para casa. As autoridades de saúde mobilizaram dezenas de milhares de voluntários para viajarem à procura de casos de COVID-19.

Malária Completamente Eliminada por um Micróbio

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

Cientistas descobriram um micróbio que protege os mosquitos de serem infectados pela malária. Os membros da equipa de cientistas, no Quênia e no Reino Unido, disseram que a descoberta tem um "enorme potencial" para controlar a doença.

A malária é propagada através da picada de mosquitos infectados, então, protegendo-os também protegemos as pessoas. Os pesquisadores estão a investigar se podem libertar mosquitos infectados para o mato ou utilizar esporos para eliminar a doença.

O bicho que bloqueia a malária, *Microsporidia MB*, foi descoberto através de estudos feitos em mosquitos nas margens do Lago Victoria, no Quênia. Vive no intestino e nos órgãos genitais dos insectos. Os pesquisadores não conseguiram encontrar um mosquito sequer com *Microsporidia* a abrigar o parasita da malária.

"Os dados que temos até este momento sugerem que é um bloqueio a 100% — é um bloqueio muito severo da malária," Dr. Jeremy Herren, do Centro Internacional da Fisiologia do Insecto e Ecologia do Quênia, disse à BBC.

Mais de 400.000 pessoas morrem de malária a cada ano, maior parte quais crianças com menos de 5 anos de idade. Embora tenha sido feito um grande progresso através do uso de redes mosquiteiras e pulverização das casas com insecticidas, ele ficou paralisado nestes últimos anos. É consenso de todos que existe a necessidade de haver novos instrumentos para lidar com a malária.

O *Microsporidia MB* pode estar a preparar o sistema imunológico do mosquito para que esteja mais capaz de lutar contra infecções. Ou a presença do micróbio no insecto pode ter um efeito profundo no metabolismo do mosquito, fazendo com que este seja inóspito para o parasita da malária.

No mínimo, 40% dos mosquitos de uma região precisam de ser infectado com o *Microsporidia* para possibilitar uma queda acentuada da malária.

CHADE PAGA DÍVIDA A ANGOLA COM GADO



AFP/GETTY IMAGES

NOTÍCIAS DA BBC EM [BBC.CO.UK/NEWS](https://www.bbc.co.uk/news)

O Chade está a reembolsar a Angola uma dívida de 100 milhões de dólares com gado, reportou um jornal estatal de Angola. O acordo fora do comum parece estar a criar uma situação de ganho para ambos países — o Chade tem falta de dinheiro e Angola precisa de gado.

Mais de 1.000 vacas chegaram de navio à capital de Angola, Luanda, como o primeiro pagamento, reportou o Jornal de Angola. No total, Angola receberá 75.000 cabeças ao longo de 10 anos, significando que aceitou o pagamento de 1.333 dólares por animal.

O Chade fez a proposta de efectuar o pagamento da dívida de 2017 com gado, e Angola tinha concordado porque ajudaria o país da África Austral a recuperar a sua população de gado nas zonas afectadas pela seca. Angola, muitas vezes, é afligida pela seca, que faz com que animais morram de fome e sede e deixa muitos aldeões sem gado.

Embora seja rico em petróleo, o país ainda luta para recuperar do legado da guerra civil de 27 anos, que assolou o país depois da independência.

O Chade é descrito pela Organização Mundial da Saúde Animal como sendo um “país de pecuária por excelência,” com 94 milhões de cabeças de gado. O gado representa 30% das exportações do Chade e a

sua principal fonte de rendimento estrangeiro depois do petróleo.

Num relatório de Outubro de 2019, o Banco Mundial disse que a economia do Chade “continua frágil e vulnerável a consideráveis riscos, tais como volatilidade do preço do petróleo e insegurança regional” causados por militantes que operam na região.

AFP/GETTY IMAGES





SUPERCOMPUTADOR PREDIZ MOVIMENTOS DE GAFANHOTOS

THE ASSOCIATED PRESS

Um supercomputador está a acelerar os esforços da África Oriental no controlo de pragas de gafanhotos que motivaram aquilo que a agência das Nações Unidas para a alimentação apelida de “uma ameaça sem precedentes” para a segurança alimentar da região.

O computador, uma doação do Reino Unido, utiliza dados de satélite para rastrear os enxames de gafanhotos e prever o próximo destino. Partilhar rapidamente os movimentos de gafanhotos com as autoridades regionais é essencial para controlar a praga, porque mesmo um enxame pequeno de gafanhotos num único dia pode percorrer uma distância de quase 160 quilómetros e consumir uma quantidade de produtos que poderia de outro modo alimentar 35.000 pessoas.

Um analista utiliza um mapa de computador para rastrear os movimentos de gafanhotos invasores.

Instalado num centro regional do clima, no Quênia, onde os insectos foram particularmente destrutivos, o sistema do supercomputador “produz extensivamente previsões de tempo como ventos fortes, precipitação e humidade, que fornecem condições ideais de respiração dos gafanhotos, para que os especialistas possam prever o próximo destino,” disse o Departamento de Desenvolvimento Internacional do Reino Unido.

Quênia, Somália e Uganda têm estado a lutar contra a pior praga de gafanhotos que partes da África Oriental já viram em 70 anos. Enxames também foram vistos na República Democrática do Congo, Djibouti, Eritreia, Sudão do Sul e Tanzânia.

A ameaça dos gafanhotos “continua extremamente alarmante” no corno de África, onde “os cruzamentos generalizados estão a decorrer e novos enxames estão a começar a formar-se, representando uma ameaça sem precedentes para a segurança alimentar e para os meios de subsistência no começo da época da sementeira que se avizinha,” de acordo com um alerta da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura.

A pulverização aérea é, em termos gerais, considerada o único método de controlo eficaz. No Uganda, os soldados têm estado a batalhar contra enxames com recursos a bombas de pulverização manuais por causa de dificuldades de obter aeronaves e pesticidas recomendados.

Oficiais em Nairobi disseram que a tecnologia irá impulsionar os seus esforços no rastreio de enxames de gafanhotos.

“A previsão é muito útil porque os ajuda a focalizarem os seus esforços em zonas com maior probabilidade de ser afectadas pelos gafanhotos do deserto nos próximos, digamos, 10 dias,” disse Abubakr Salih Babiker, um climatologista do centro regional do clima de Nairobi. “Desta forma, eles são mais eficientes ao alocar os seus recursos, alocando a capacidade financeira para controlar os gafanhotos do deserto. É uma forma muito inovadora de utilizar a tecnologia para resolver um problema do dia-a-dia como os gafanhotos do deserto.”

Kenneth Mwangi, analista de informação de satélites do centro, disse que a equipa pode efectuar melhores modelos de previsão numa praga em que o alastramento dos gafanhotos “foi muito rápida.”

RUANDA QUER TORNAR-SE CENTRO DE DRONES

NOTÍCIAS DA BBC EM BBC.CO.UK/NEWS

Ruanda, o país de milhares de montanhas, foi o primeiro no mundo a abraçar os serviços de entrega comercial com recurso a drones, quando a empresa Zipline começou a transportar sangue por via aérea, em 2016. O Presidente do Ruanda, Paul Kagame, considera os drones como parte do futuro do seu país; ele quer que sejam fabricados e pilotados por ruandeses.

A Zipline fez a entrega de dezenas de milhares de unidades de sangue. Mas é uma excepção. Os seus voos são classificados como sendo do governo, significando que têm isenções de alto nível quando se trata de gestão de tráfico aéreo.

O mesmo acontece em Kigali, a capital do país, onde a polícia utilizou drones para fazer cumprir as quarentenas que resultaram do surto da COVID-19. A polícia equipou os drones com altifalantes para ordenar os cidadãos a permanecerem nas suas casas.

Tais isenções na gestão do tráfico do espaço aéreo inferior não se aplicam a redes comerciais de entrega a longo prazo com recurso a drones. A questão espinhosa de regulamentação e gestão do espaço aéreo inferior terá de ser resolvida para que os drones possam ser comercialmente bem-sucedidos.

Edward Anderson, do Banco Mundial, que se concentrou na questão dos drones da região, observa que existem muitos usos além das entregas médicas.

“O Ruanda é uma das regiões rurais mais densamente habitadas do mundo,” disse. “A longo prazo, esperamos ver os drones a possibilitarem oportunidades económicas na agricultura, para operários em pequena escala, e a efectuarem entregas de bens sensíveis ao factor tempo, tais como dinheiro e documentos.”



Um drone da polícia ruandesa equipado com um megafone sobrevoa um bairro de Kigali para fazer cumprir o confinamento obrigatório da COVID-19. REUTERS

A Rebelde Princesa de ZANZIBAR

EQUIPA DA ADF

A vida de Sayyida Salme foi um redemoinho. Ela era filha de um sultão do território onde agora é a Tanzânia. Sem direito a qualquer educação formal, ela aprendeu sozinha a ler e a escrever. Falava quatro línguas — Suahíli, Árabe, Turco e Alemão. Ficou grávida fora do casamento, o seu irmão tentou executá-la, mas ela fugiu para a Europa. Quando ficou uma mãe viúva, sem dinheiro, tornou-se uma das primeiras mulheres africanas a escrever uma autobiografia.

Diz-se que ela transportava consigo uma pequena sacola de areia de uma praia de Zanzibar, por toda a sua vida.

Nascida em 1844, em Zanzibar, era filha de Said bin Sultan Al-Said e uma das suas cortesãs. Foi uma das filhas do sultão, que tinha 36 filhos e vivia num palácio gigantesco que albergava mais de 1.000 pessoas. Aprendeu a escrever copiando o alfabeto árabe e o Alcorão.

O pai faleceu quando ela tinha 12 anos de idade. Com a morte do pai, ela tornou-se maior de idade e herdou riquezas e uma plantação. Dois dos seus irmãos, Majid e Barghash, lutaram para herdar o sultanato. Ela ficou do lado de Barghash e aos 15 anos de idade tornou-se a sua secretária-geral, escrevendo cartas para chefes em nome dele. Mas Majid foi o vitorioso, e quando ela trocou de lealdade para ele, ela alienou muito mais da sua família.

Sozinha e isolada, Salme fez novas amizades. Ao lado da sua casa vivia um jovem de negócios alemão chamado Rudolph Heinrich Ruete. Ela apegou-se às suas ideias do ocidente; ele ficou impressionado pela sua inteligência e beleza. O seu romance que desabrochava não foi do agrado dos europeus da comunidade, que não queriam ofender o sultão. E o sultão ficou de facto ofendido.

Quando a notícia começou a espalhar-se, de que a Salme, de 22 anos de idade, estava grávida, o seu irmão sultão mandou-a chamar e fez os preparativos para que ela fosse executada. Os familiares desencorajaram-no, dizendo que era cedo demais para saber se ela estava de facto grávida.

Quando ficou evidente de que ela estava grávida, o sultão deu ordens para que ela viajasse para a Arábia Saudita. Acreditando que seria assassinada pelo caminho, fugiu para Iémen, onde o seu filho nasceu. O bebé, entretanto, faleceu.

Meses depois, Ruete juntou-se a ela no Iémen. Eles casaram-se e ela mudou o seu nome para Emily Ruete e se converteu ao cristianismo. Depois mudaram-se para Alemanha, onde tiveram três filhos. Mas pouco depois do nascimento do seu filho mais novo, em 1870, o seu marido faleceu num acidente numa carruagem puxada a cavalo.

Ela ficou sozinha na Alemanha e não podia voltar para a sua terra natal. Tinha 25 anos de idade.

Ela tinha dinheiro, mas as mulheres na Alemanha naquela altura não tinham o direito de gerir as suas próprias finanças. Dois homens foram designados para gerir o seu dinheiro e ela perdeu a maior parte dele. Para poder se sustentar, ela começou a ensinar árabe. A história de uma mulher árabe de nascimento nobre ganhando a vida como professora foi notícia em jornais de toda a Europa.

Em 1886, ela publicou o seu livro de memórias, *Memoiren einer arabischen Prinzessin*. Dois anos depois, ela publicou uma tradução inglesa, *Memoirs of an Arabian Princess (Memórias de uma Princesa Árabe)*. O livro recebeu críticas diversas, sendo que a maior parte das que não lhe eram favoráveis, reflectiam os preconceitos daquele tempo.

O livro, para além de contar a história da sua vida, incluía os seus longos comentários sobre os contrastes entre o mundo ocidental e o mundo árabe. O famoso dramaturgo irlandês, Óscar Wilde, admirou o seu livro, dizendo que, “A sua história de vida é tão instrutiva como a história e tão fascinante como a ficção.”

Ela, muitas vezes, recebe o crédito de ser a primeira mulher da África Oriental, e mulher árabe, a escrever uma autobiografia. Mas essa distinção pode não ser suficiente. Até ao Séc. XIX, livros de memórias escritos por mulheres em qualquer cultura eram raros. Ela pode ter sido a primeira mulher africana, de facto, a publicar um livro de memórias.

Em 1888, ela viajou para Zanzibar com a filha Rosalie, esperando reivindicar alguma parte da sua herança. Quando esta ideia não resultou, ela ficou amargurada e mudou-se para o que hoje é Tel Aviv. De lá, ela mudou-se para Beirut, em 1892, e regressou para Alemanha, em 1914. Faleceu 10 anos depois, aos 80 anos de idade.

Foi sepultada na Alemanha com uma sacola de areia de uma praia de Zanzibar.



DICAS

- 1 Este pico vulcânico, em formato de agulha, atinge 386 metros de altitude.
- 2 Musgos, nevoeiros e chuvas frequentes fazem com que seja perigoso escalar este pico, mas mesmo assim, alguns ainda tentam fazer a subida escorregadia, todos os anos.
- 3 A região à volta do pico é conhecida por ter vida selvagem exótica, incluindo a abundância de cobras.
- 4 Esta formação montanhosa já foi chamada de "A Torre Negra."



PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A *Africa Defense Forum (ADF)* é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na *ADF* e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA *ADF*

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a *ADF* irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a *ADF*, você concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da *ADF* através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie um e-mail para um dos seguintes endereços:



Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a *ADF* no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de emails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, ADF-Magazine.com, ou enviando um email para News@ADF-Magazine.com.